



ESCOLA DE PESQUISA CO-CONSTRUÇÃO E PARTICIPAÇÃO: POSTURAS, PROCESSOS E FERRAMENTAS PARA A PESQUISA



Brasília, setembro de 2018

CRÉDITOS

Comissão organizadora

- INCT “Observatório das dinâmicas socioambientais - ODISSEIA”
- “Observatório das dinâmicas das interações entre as sociedades e o meio ambiente na Amazônia, sustentabilidade e adaptação às mudanças globais – ODYSSEA”

Apoio financeiro

- Fundação de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF)
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
- European Commission, programa H2020 MARIE SKŁODOWSKA-CURIE RESEARCH AND INNOVATION STAFF EXCHANGE

Moderação e preparação metodológica

Elion Consultoria e Assessoria

Relatoria

Curare serviços artísticos, culturais e socioambientais

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO: COMO FAZER DIALOGAR CONTEÚDOS DE ABORDAGEM PARTICIPATIVA E AS FERRAMENTAS UTILIZADAS EM UMA “ESCOLA DE PESQUISA”?	6
2. ANCORAGEM TEÓRICA E PRINCÍPIOS GERAIS	7
PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO	7
O QUE É CONSTRUÇÃO COLETIVA DE CONHECIMENTO?	8
O QUE É PARTICIPAÇÃO? ESCADA DE PARTICIPAÇÃO CIDADÃ	8
SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS	11
3. TEMAS ABORDADOS E METODOLOGIAS APRESENTADAS	15
CONDUÇÃO DE OFICINAS	15
BOAS VINDAS, APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES	15
CONSTRUÇÃO DE ACORDOS DE CONVIVÊNCIA E FORMAÇÃO DE EQUIPES DE APOIO	15
LEVANTAMENTO DE EXPECTATIVAS X PROPOSTAS DAS OFICINAS	15
DINÂMICAS DE QUEBRA-GELO	16
DINÂMICAS DE RETOMADA	16
RESGATE DO DIA ANTERIOR E MEMÓRIA	16
AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES:	16
DINÂMICAS DE ENCERRAMENTO	17
ESCUTA EM TRÊS NÍVEIS	18
CONSTRUÇÃO COLETIVA DO CONHECIMENTO	18
DINÂMICA DO AQUÁRIO	18
LINHA DO TEMPO	19
CHUVA DE IDEIAS (<i>BRAINSTORMING</i>)	19
O METAPLAN	20
O CAFÉ MUNDIAL	20
O PAPEL DAS DANÇAS E DOS JOGOS	21
DANÇA DAS PALMAS:	21
ALONGAMENTO COM DANÇA E ABRAÇO	21
O JOGO DOS AUTÓGRAFOS	21
JOGO CASA, MORADOR E TERREMOTO	22
TEATRO FÓRUM	22

4. O EVENTO DIA-A-DIA: REFLEXÕES SOBRE...	24
... A PARTICIPAÇÃO NAS PESQUISAS	24
(1) REFLEXÕES TRAZIDAS PELA DINÂMICA DO “CAFÉ MUNDIAL”	24
(2) REFLEXÕES TRAZIDAS PELA DINÂMICA DO “TEATRO-FÓRUM”	28
... A CONSTRUÇÃO COLETIVA DE CONHECIMENTO	29
(1) REFLEXÕES TRAZIDAS PELA CHUVA DE IDEIAS (<i>BRAINSTORMING</i>)	29
... COMO LIDAR COM AS EXPECTATIVAS DOS ATORES	30
(1) DINÂMICA DO AQUÁRIO: RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS SOBRE O TEMA	30
... A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA	34
(1) VIVÊNCIA SOBRE A ESCUTA	34
(2) EXERCÍCIO DE ESCUTA EM TRÊS NÍVEIS	35
... O PAPEL, AS ATITUDES E AS POSTURAS DE UM BOM FACILITADOR/ENTREVISTADOR	36
... A SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS EM TORNO DO ODYSSEA/ODISSEIA	38
(1) A EXPERIÊNCIA ODYSSEA/ODISSEIA	38
... OS APRENDIZADOS DA EP “CO-CONSTRUÇÃO E PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA”	39
OBSERVAÇÕES PARA CONTINUIDADE E APROFUNDAMENTO	43
5. ANEXOS:	44
PROGRAMA DA EP “CO-CONSTRUÇÃO E PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA” - 15/17 DE AGOSTO 2018	44
DOCUMENTAÇÃO COMPLEMENTAR	46
MANUAIS E ORIENTAÇÕES TÉCNICAS PARA FACILITAÇÃO	46
SOBRE “EPISTEMOLOGIAS NÃO EUROCÊNTRICAS”	46
ESCADA DA PARTICIPAÇÃO	46
SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS	46

1. APRESENTAÇÃO: COMO FAZER DIALOGAR CONTEÚDOS DE ABORDAGEM PARTICIPATIVA E AS FERRAMENTAS UTILIZADAS EM UMA “ESCOLA DE PESQUISA”?

A escola de pesquisa “Co-construção e participação¹: posturas, processos e ferramentas para a pesquisa” nasceu de uma série de inquietações e questionamentos, relacionados à nossa prática de pesquisa.

De fato, percebemos que é comum que pesquisadores se apropriem de termos como “metodologias” ou “abordagens participativas”, mas sem adotar as práticas condizentes, por falta de entendimento real de conceitos como: construção coletiva; coautoria; níveis de participação, autoria social, ou simplesmente por falta de domínio de técnicas de construção participativa.

Outros, que já são mais familiarizados com tais abordagens, conceitos e métodos, por sua vez, se questionam sobre as implicações dessas práticas nas dinâmicas locais.

Diante de questionamentos tão diversificados, a EP “Co-construção e participação na pesquisa” foi guiada por algumas ideias-força, aqui expressas no formato de perguntas:

- Como construir processos participativos sem criar expectativas frustradas nas comunidades?
- Como construir relações com os atores locais nos projetos de pesquisa? como começar, desenvolver e fechar um processo participativo? Como criar relações de confiança? como conduzir conversas de coordenação, sobre expectativas da comunidade ou conversas de finalização, compromisso e transparência?
- Participação e Legitimidade são sinônimos?
- Dinâmica participativa versus processo participativo: até que ponto é ético apenas se apropriar da informação para a pesquisa, mas não envolver as pessoas no processo de construção do conhecimento?
- Como pensar e realizar pesquisas com/para/sobre atores locais?

Assim, na dupla perspectiva de propor ferramentas e reflexões, um desafio da montagem desta oficina foi mesclar os conteúdos principais que se queria discutir com a experimentação de ferramentas que facilitam a participação e a construção coletiva. Desta forma, a EP “Co-construção e participação na pesquisa” não deve ser considerada como um curso de metodologias e ferramentas, mas sim como um debate sobre questões concernentes à Abordagem Participativa nas pesquisas, tanto com uma vertente prático-pedagógica, tanto quanto uma vertente reflexiva.

Para atender a esta dupla finalidade, e em acordo com a equipe responsável pela Escola, foi construído o seguinte arranjo entre temas (conteúdos) e ferramentas:

Conteúdos (vertente reflexiva)	Ferramentas (vertente prático-pedagógica)
Envolvimento dos atores nas pesquisas	Café Mundial
Escuta	3 exercícios
Construção coletiva de conhecimento	Chuva de ideias e observação de papéis e posturas
Papel do facilitador, habilidades e atitudes	Trabalho em grupo com formato de registro
Sistematização de experiências	Definições iniciais da sistematização
Parcerias	Linha do Tempo
Reconstrução histórica coletiva	Linha do Tempo
Como lidar com as expectativas	Aquário
Níveis de participação	Teatro

¹ Adiante, chamaremos este evento de EP “Co-construção e participação na pesquisa”.

Essa dupla perspectiva se reflete na construção desse documento: após apresentar as bases teóricas e os princípios gerais que nortearam a construção da EP “Co-construção e participação na pesquisa”, apresentaremos de forma sistemática as diversas ferramentas que foram utilizadas na oficina, detalhando seus princípios metodológicos e de operacionalização, com ênfase na construção coletiva de conhecimento. Na última parte são relatadas, de forma “bruta”, as reflexões que emergiram do grupo a partir das dinâmicas que foram conduzidas durante a oficina.

2. ANCORAGEM TEÓRICA E PRINCÍPIOS GERAIS

Pedagogia da cooperação

Há muitas possibilidades e vertentes para se aprofundar o trabalho com abordagem participativa, todas elas podendo ser úteis e harmoniosas entre si. A abertura e o conhecimento dessas diversas possibilidades e abordagens enriquecem o trabalho participativo.

As metodologias participativas (MP) utilizadas na EP “Co-construção e participação na pesquisa” são baseadas na Pedagogia da Cooperação, que busca modelos alternativos à lógica competitiva sobre a qual foi construída nossa sociedade e por isso embasa os técnicos que lidam com comunidades para desenvolverem atividades colaborativas e solidárias. Esta pedagogia tem como propósito essencial criar ambientes colaborativos para atingir metas de produtividade com felicidade na realização de sonhos e objetivos comuns. Se embasa na “cultura circular”, onde não há hierarquias e o conhecimento emerge da inteligência coletiva.

As metodologias colaborativas, que incluem jogos e danças, seguem uma sequência de complexidade progressiva durante a oficina, passando pelas seguintes fases:

- **Com-Tato:** Fase que tem como objetivo a conexão do grupo e desenvolver habilidades de “saber chegar ou saber conectar”, visando trazer um clima leve de bem-estar. Ela dá o tom de todo o encontro.
- **Com-Trato,** em que se formulam acordos de aprendizagem e de convivência e desenvolvem-se habilidades do “saber cuidar”. Isso foi feito pela realização dos acordos e pela formação de equipes de apoio.
- **In-Quieta-Ações,** que levanta o que queremos descobrir juntos e desenvolve o “saber compartilhar”. Compreende por exemplo o levantamento de expectativas e questões.
- **Alianças e Parcerias:** Fortalece o grupo pelo desenvolvimento da confiança e no estabelecimento de metas e propósitos do grupo. Desenvolve o “saber confiar”
- **Soluções Como-Uns:** Nesta fase, já foi construída a interação e confiança no grupo, o que facilita a troca e criação de idéias e soluções. É a fase de “saber co-criar”
- **Projetos de Cooperação:** Por fim, busca-se, em conjunto, uma forma de realizar as soluções encontradas. É a etapa de “saber cultivar”
- **Celebrar:** Muito importante também é dedicar um momento especial e específico para valorizar e absorver as lições aprendidas pelo grupo. É o “saber celebrar”

Para a EP “Co-construção e participação na pesquisa”, escolhemos jogos, danças e metodologias simples, que na maioria das vezes possam ser utilizados no contexto de trabalho dosicineiros.

O que é construção coletiva de conhecimento?

Assim, a Pedagogia da cooperação se relaciona diretamente com a perspectiva de “construção coletiva de conhecimento”. Não há uma definição fechada do que é construção coletiva do conhecimento. Uma possível síntese, trabalhada durante a EP “Co-construção e participação na pesquisa” a partir das palavras chave trazidas pelos grupos, mas que não houve tempo de consolidar no coletivo, poderia ser:

É um conhecimento novo e sempre inacabado (caráter provisório), uma forma de organizar saberes dispersos ou diversos, que traz o inesperado, cujo caráter coletivo supera as partes e traz as dimensões histórica e prática, possibilitando uma visão mais ampla; que estimula a criação, a transdisciplinaridade e o diálogo de saberes. Para essa construção, é necessário ter abertura, desconstrução, escuta atenta e redução ou eliminação das assimetrias (poder).

De forma genérica, podemos dizer que a construção coletiva de conhecimento responde aos seguintes desafios:

- Escuta atenta, ativa e sincera
- Acolhimento da diversidade
- Representatividade
- Articulação
- Mobilização
- Conciliar/pactuar expectativas
- Trabalho de campo (olho no olho)
- Trocas e cooperação entre acadêmicos e comunidades (mundo acadêmico X não acadêmico)
- Estrutura do mundo acadêmico
- Manter o foco
- Sistematizar e analisar
- Construir processos
- Construir diálogos
- Tradução cultural

O que é participação? Escada de Participação Cidadã

Como suporte teórico para a definição dos níveis de participação foi utilizada a *Escada de Participação Cidadã* de Sherry R. Arnstein², que parte dos seguintes pressupostos:

- Participação cidadã constitui um sinônimo para poder cidadão. Participação é a redistribuição de poder que permite aos cidadãos excluídos dos processos políticos e econômicos, serem ativamente incluídos no futuro;
- Ela é a estratégia pela qual os “sem-nada” se integram ao processo de decisão acerca de quais as informações a serem divulgadas, quais os objetivos e quais as políticas públicas que serão aprovadas, de que modo os recursos públicos serão alocados, quais programas serão executados e quais benefícios, tais como terceirização e contratação de serviços, estarão disponíveis;
- Existe uma diferença fundamental entre passar pelo ritual vazio da participação e dispor de poder real para influenciar os resultados do processo;
- Participação sem redistribuição de poder é um processo vazio e frustrante para os grupos desprovidos de poder. A participação sem redistribuição de poder permite àqueles que têm poder de decisão argumentar que todos os lados foram ouvidos, mas beneficiar apenas a alguns. É um tipo de participação vazia que mantém o *status quo*.

² ARNSTEIN, Sherry R. Uma escada da participação cidadã. Revista da Associação Brasileira para o Fortalecimento da Participação – PARTICIPE, Porto Alegre/Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 2, p. 4-13, jan. 2002.

Na tipologia de Sherry Arnstein, os tipos de participação e de "não-participação" estão dispostos em forma de uma escada com oito degraus. Para efeito ilustrativo, cada degrau corresponde a um dos níveis de poder do cidadão em decidir sobre os processos sócio-políticos.

Figura 1: Escada de Participação Cidadã de Sherry R. Arnstein

8	Controle Cidadão	Níveis de poder cidadão
7	Delegação de Poder	
6	Parceria	
5	Pacificação	Níveis de concessão mínima de poder
4	Consulta	
3	Informação	Não-participação
2	Terapia	
1	Manipulação	

Os primeiros degraus da escada são 1. Manipulação e 2. Terapia. Esses dois degraus descrevem níveis de "não-participação" que têm sido utilizados por alguns no lugar da genuína participação. Seu objetivo real não é permitir a população participar nos processos de planejamento ou conduzir programas, mas permitir que os tomadores de decisão possam "educar" ou "curar" os participantes. Os degraus 3 e 4 avançam a níveis de concessão limitada de poder que permitem aos "sem-nada" ouvir e serem ouvidos: 3. Informação e 4. Consulta. Quando estes níveis são definidos pelos poderosos como o grau máximo de participação possível, existe a possibilidade dos cidadãos realmente ouvirem e serem ouvidos. Mas nestes níveis, eles não têm o poder para assegurar que suas opiniões serão aceitas por aqueles que detêm o poder. Quando a participação está restrita a esses níveis, não há continuidade, não há "músculos", ou seja, não há garantia de mudança do *status quo*. O degrau 5. Pacificação consiste simplesmente de um nível superior desta concessão limitada de poder, pois permite aos "sem-nada" aconselhar os poderosos, mas retém na mão destes o direito de tomar a decisão final. Subindo a escada estão níveis de poder cidadão com degraus crescentes de poder de decisão. Os cidadãos podem participar de uma Parceria (degrau 6) que lhes permita negociar de igual para igual com aqueles que tradicionalmente detêm o poder. Nos degraus superiores, 7. Delegação de poder e 8. Controle cidadão, o cidadão "sem-nada" detém a maioria nos fóruns de tomada de decisão, ou mesmo o completo poder gerencial.

Algumas palavras sobre cada degrau da Escada

1. **MANIPULAÇÃO** - Em nome da participação cidadã, pessoas são convidadas a participarem de comitês ou conselhos consultivos sem real poder de decisão com o propósito explícito de "educá-las" ou obter o seu apoio. Ao invés da genuína participação, este primeiro degrau da escada representa a distorção da participação em um instrumento de relações públicas dos grupos com poder de decisão.
2. **TERAPIA** - Em certos aspectos, a terapia grupal disfarçada de participação popular deveria estar no degrau mais baixo da escada, pois ela é tanto desonesta como arrogante. Sob o manto ilusório de envolver os cidadãos no planejamento, os especialistas, na verdade, submetem as pessoas à terapia grupal. O que torna esta forma de "participação" tão ofensiva é que as pessoas são envolvidas em muitas atividades, mas o foco está em curá-las de suas "patologias", ao invés de mudar o racismo e a violência que originaram as supostas "patologias".

3. **INFORMAÇÃO** - Informar cidadãos de seus direitos, responsabilidades e opções pode ser o mais importante primeiro passo rumo à legítima participação cidadã. Porém, muito frequentemente a ênfase está na mão única da informação – dos especialistas para o cidadão -, sem que haja um canal de comunicação que permita o retorno, e menos ainda que haja poder de negociação. Sob estas condições, especialmente quando a informação é divulgada apenas nos estágios finais do planejamento, as pessoas têm pouca possibilidade de influenciar o programa que foi definido para "seu benefício".
4. **CONSULTA** - Solicitar a opinião dos cidadãos, assim como informá-los, pode ser um passo legítimo rumo à participação. Mas se a consulta não estiver integrada com outras formas de participação, este degrau da escada continua sendo inútil na medida em que não oferece nenhuma garantia de que as preocupações e ideias dos cidadãos serão levadas em consideração. Os instrumentos mais utilizados para consultar a população são pesquisas de opinião, assembleias de bairro e audiências públicas. Quando os tomadores de decisão restringem as contribuições dos cidadãos apenas a este nível, a participação permanece apenas um ritual de fachada. Pesquisas de opinião têm se tornado uma pedra fundamental de contenção de demandas em guetos urbanos. Os moradores estão cada vez mais insatisfeitos com a quantidade de vezes por semana que eles são entrevistados sobre seus problemas e suas esperanças.
5. **PACIFICAÇÃO** - É a partir deste nível que os cidadãos passam a ter certa influência, mesmo que o acesso ao poder seja ainda limitado. Um exemplo são os comitês de planejamento e consulta ou colegiados semelhantes como o Conselho de Educação, o Conselho de Segurança ou o Conselho de Habitação. Estes comitês permitem aos cidadãos aconselhar e planejar indefinidamente, mas mantêm nas mãos dos tomadores de decisão o direito de decidir sobre a legitimidade e a viabilidade das sugestões apresentadas pelos cidadãos. O grau de pacificação dos cidadãos depende, é claro, basicamente de dois fatores: a qualidade da assessoria técnica independente que eles recebem para definir suas prioridades, e o grau de organização da comunidade.
6. **PARCERIA** - Neste degrau da escada, há efetivamente uma redistribuição de poder através da negociação entre cidadãos e tomadores de decisão. Ambos os lados concordam em compartilhar o planejamento e as responsabilidades de tomada de decisão através de estruturas, tais como conselhos paritários, comitês de planejamento e mecanismos de solução de conflitos. Após a definição de regras básicas através de algum tipo de toma-lá-dá-cá, elas não podem mais ser modificadas unilateralmente. A parceria funciona melhor se existir uma efetiva organização popular na comunidade que mantêm as lideranças responsáveis em prestar contas de seus atos e quando a organização comunitária dispõe dos recursos financeiros necessários para pagar às lideranças algum tipo de compensação pelo seu trabalho; e tem os recursos para contratar (e demitir) seus próprios técnicos, advogados e agentes de desenvolvimento. Uma liderança comunitária descreveu esta situação como "entrar na prefeitura com o chapéu na cabeça ao invés de carregá-lo na mão".
7. **DELEGAÇÃO DE PODER** - As negociações entre cidadãos e técnicos do setor público também podem resultar em cidadãos assumindo poder deliberativo em um determinado plano ou programa. Outro modelo de delegação de poder consiste em formar grupos separados de cidadãos e técnicos do setor público, estabelecendo que, no caso de divergências que não possam ser resolvidas pela negociação, o grupo de cidadãos tem o poder de veto sobre o planejamento.
8. **CONTROLE CIDADÃO** - Crescem as demandas pelo controle popular sobre os bairros. Mesmo que ninguém no país tenha controle absoluto, é muito importante não confundir a retórica com as intenções. A população está simplesmente querendo um certo grau de poder (ou

controle) que garanta que os moradores possam gerir um programa público ou uma organização, assumindo a responsabilidade pela definição das ações e os aspectos gerenciais, sendo capaz de negociar as condições sob as quais "externos" poderão introduzir mudanças. O modelo mais definido é o de uma corporação comunitária que tenha acesso direto à fonte de financiamento sem precisar de intermediários. Um pequeno número destas corporações já está produzindo bens ou serviços públicos.

Sistematização de Experiências

O conceito de sistematização de experiências tem sido utilizado no Brasil e na América Latina para transformar as práticas sociais em objeto de conhecimento. Essa perspectiva surgiu nos anos 60, com educadores, profissionais das ciências sociais e artistas que passam a desenvolver trabalhos em torno da temática da cultura, da consciência histórica e ideologia e da arte popular revolucionária, marcadas pela atuação e papel das vanguardas artísticas e intelectuais.

Nos anos 70, intelectuais latino-americanos, dedicados à educação popular, vêm colocando a *sistematização de experiências como um complexo de atividades que visam a produção coletiva de conhecimentos a partir de suas práticas sociais concretas*. Aliam produção de conhecimentos, desenvolvimento de aprendizagens e incorporação à prática do produzido e aprendido, o *“que permite a construção de sentido da ação humana e sua reorientação”* (SOUZA, 1997)³.

Esta disposição intelectual, intencionalmente assumida pelos sujeitos da prática e realizada a partir e sobre a mesma, vem firmando identidade própria – enquanto processo investigativo e formativo - dada a organicidade da relação que esses sujeitos estabelecem com a sua experiência, ao vivê-la, e lugar que eles ocupam no cenário social. Trata-se assim de um olhar para as práticas sociais a partir de:

- iniciativas de educação popular;
- planejamento participativo, desenvolvimento rural e diferentes formas de pesquisa participante e pesquisa ação;
- oposição a práticas colonizadoras.

Nos anos 90, movimentos populares, ONGs, órgãos públicos, e universidades formulam questões sobre o significado e a abrangência das transformações em andamento na década:

- capacidade dos conhecimentos produzidos e/ou socializados no interior das práticas sociais populares, darem conta da apreensão das transformações estruturais e conjunturais em curso;
- problematização das relações de poder nessas práticas;
- interrogações sobre “como” apreender e retrabalhar esses conhecimentos
- “como” expandir a comunicação dos conhecimentos gerados e socializados

Neste mesmo contexto latino-americano, a partir de 1993, a sistematização de práticas de Promoção e Educação Popular recebe incentivo especial do Conselho de Educação de Adultos da América Latina - CEAAL -, que passa a estruturar o Programa de Apoio à Sistematização, *“conjunto de ações organizadas em torno da reflexão, produção de conhecimentos sobre sistematização e incentivo à formação e assessoria a processos de sistematização entre as suas afiliadas”* (SPEP, 1994).

Durante a EP “Co-construção e participação na pesquisa”, essa abordagem metodológica foi trabalhada com base no conceito proposto por Elza Falkembach⁴.

O termo *sistematização* vem sendo tratado mediante referências e sob perspectivas diversas:

a) *sistematização de informações*, quando referenciado a dados e/ou informações;

b) *sistematização de experiências*, se referenciado a experiências e/ou práticas sociais.

³ SOUZA, J. F. de. 1997. Sistematização: um instrumento pedagógico nos projetos de desenvolvimento sustentável. Tópicos Educacionais., Recife, v. 15, n.º 3, p. 17-73, 1997.

⁴ FALKEMBACH, E; FRANTZ, W. 2015. Sistematización, creación de conocimiento, epistemologías no eurocéntricas. Rutas posibles en la producción de saber y conocimiento: apuestas de ciudad y región. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5704942.pdf>

Em ambos casos, ele tem sido associado a resgate, recuperação, ordenamento, classificação. Na sistematização de experiências, a isto vem sendo adicionada a ideia, mais importante do que a primeira, que é a da transformação da experiência ou prática social em *objeto de produção de conhecimento e aprendizagem*.

O termo *sistematização* pode ser visto, ainda, como sinônimo de síntese - *sistematizar*, igual a *sintetizar*.

São os sujeitos envolvidos os que fazem o processo e determinam a forma de analisar.

A sistematização da qual falamos acontece a partir de **práticas sociais e institucionais concretas**, experiências coletivas, em movimento. Estas experiências são constituidoras dos sujeitos que reúnem, ao mesmo tempo que são constituídas por eles; também estão sujeitas a determinações de elementos objetivos e subjetivos que lhe são externos. Daí a necessidade de, em um processo de sistematização, levarmos em conta:

- os problemas que demandam a sistematização de uma experiência;
- os fins pretendidos pela experiência e como se organizam as ações e as relações para atingi-los;
- os participantes da experiência e suas relações;
- os saberes em circulação no âmbito da experiência;
- as práticas ou processos sociais com os quais essas experiências se deparam, impõem resistência, ajustam-se ou (re)afirmam;
- os resultados esperados e os inesperados que vão surgindo ao andar da experiência.
- as circunstâncias sócio-históricas que possibilitaram a emergência e o desenvolvimento da experiência;

Para que sistematizar?

Para extrair lições da prática

Para ter uma produção coletiva de conhecimentos e aprendizagens

Para reconstruir o que foi vivido, como foi vivido, e tentar entender porque foi assim

Para nos construirmos enquanto sujeitos – sujeitos de conhecimento, políticos e éticos.

A experiência, objeto da sistematização:

Oscar Jara (2006)⁵ afirma que as experiências que se colocam como objeto da sistematização são práticas singulares que fazem parte de processos sociais e históricos mais gerais, dinâmicos, complexos, e contraditórios. São *“experiências vitais, carregadas de uma enorme riqueza acumulada de elementos que, em cada caso, representam processos inéditos e irrepetíveis”*. Por essa razão é importante conhecê-las, aprender com as mesmas e comunicar, a outras e outros, os aprendizados feitos.

Por que, para que e para quem sistematizar? É fundamental ter clareza dos objetivos e utilidade.

Processo e produtos: A sistematização é feita em processos que podem ser mais ou menos longos, e termina gerando produtos que comunicam os aprendizados.

Condições prévias: Não se faz sistematização sem clareza do interesse da instituição, do grupo e/ou das pessoas envolvidas, já que é um trabalho que demanda muito de todos. Os grupos, pessoas e instituições querem embarcar nessa aventura?

Polifonia: A proposta é fazer o que em música se chama polifonia: várias vozes contando uma mesma história.

Questões que se colocam:

- Como ouvir as diferentes vozes para constituir essa prática em objeto de investigação?
- Como contemplá-las na problematização, descrição e reflexão desse objeto?
- O que fazer quando não há consenso, ao falar do objeto?
- Como instituir o diálogo e vivenciar radicalmente um processo de verdades em confronto?

⁵ JARA, O. H. 2006. Para sistematizar experiências. Brasília: MMA, 2006. 128 p. http://www.mma.gov.br/estruturas/168/publicacao/168_publicacao30012009115508.pdf

- Como compreender essas vozes provindas de diferentes lugares?
- Como situar e entender o meu “quando”, o “onde” do outro e o “quem” dos demais?
-

Reconstruir a experiência:

A inquietação dos sujeitos, frente às constatações sobre o investigado, pode ser convertida em possibilidade de, além de exercer crítica à experiência em processo de sistematização, enfrentar a tarefa da sua reconstrução, superando configurações anteriores, ainda que delas partindo. Superar configurações anteriores da experiência pressupõe colocar em questão as relações de poder e as verdades que afirma.

Significa também expor a experiência às diversas iniciativas da sociedade, especialmente aquelas que apontam para a resistência a processos de exploração, opressão, submissão ou realçam espaços acolhedores da pluralidade e igualdade entre os sujeitos.

Construção de sujeitos:

A sistematização pode ser vista como um processo de subjetivação, espaço de construção de sujeitos/subjetividades, individuais e coletivas. Ao diagnosticar suas objetivações no social a partir de suas práticas e melhor compreender os jogos de forças dos quais participam e as verdades que os alimentam, os sujeitos envolvidos com a sistematização podem adquirir maior clareza para recusar a convivência com aquelas que os assujeitam e afirmar novas relações.

A vivência desses processos pode corresponder a uma oportunidade densa de confrontos, negociações, aprendizagens e criação, inclusive no plano dos valores - relações consigo mesmos, com os outros, com o social. Este pode se constituir em um caminho que passa por recusas e afirmações, modo de vida capaz de forjar sujeitos éticos e políticos. É oportunidade de marcar sentido para a vida e solidificar as relações.

Riscos:

Há possibilidade de as debilidades das práticas superarem suas potencialidades. Tais dinâmicas não estão longe de acentuar equívocos, de produzir o desânimo, de evidenciar incapacidades conjunturais de impugnar relações de dominação e dificuldades de autocontrole.

Estes são riscos reais que os sujeitos da sistematização têm pela frente. Viver é experimentar a insegurança das possibilidades e do seu anverso. Mas estes mesmos elementos podem contribuir para a maturação dos sujeitos. Sujeitos que não conhecem sós; não vivem sós, não agem sós; não se constroem como heróis. Conhecem na relação com o outro, com os outros, com a sua prática, que é social.

A sistematização da qual falamos:

- enfatiza a narrativa da experiência a partir dos diferentes saberes que circulam no interior da experiência, tecendo uma rede complexa de significados;
- procura identificar continuidades, descontinuidades e rupturas na experiência;
- procura os problemas, as tensões e as potencialidades;
- procura promover a circulação de **novos conhecimentos** (filosóficos, científicos, técnicos), de novas informações e incentivar a exposição das diversas representações construídas sobre o **ocorrido e o vivido**, o que nem sempre leva a consensos, mas que produz reconstruções e maiores aproximações à experiência;
- possibilita aos homens e mulheres que integram a experiência a reflexão sobre as relações que estabelecem entre si, com o conhecimento e com a objetivação deste em ações, e a admitirem a possibilidade da mudança. E se deixarem mudar, inclusive na sua forma de relação com o seu próprio conhecer;
- procura situar a experiência em processos mais amplos. Ao transformá-la em objeto de reflexão, estará enfatizando sua dialética interna, mas também ressaltando as marcas da sua historicidade e o seu caráter social.

Fundamentos da proposta metodológica:

A apreensão da não homogeneidade histórico-social, que acreditamos ser possível acontecer, ao darmos relevância às diferenças culturais e relações de poder em nossas buscas de compreensão de uma prática social, pode ser esclarecedora de problemas e tensões desta. E pode apontar caminhos para o “ambiente da prática” que a sistematização se propõe a modificar. Pode também estender suas pequenas mudanças ao social.

A sustentação epistemológica de nossa proposta de sistematização, bem como a proposta, em si, está em dependência do objeto com o qual trabalhamos e dos sujeitos da mesma:

- objeto/sujeito, relação que constitui um movimento com dimensão histórica, uma prática;
- objeto/tecitura, heterogêneo pela diversidade dos sujeitos que congrega e lhe dão sentido. Sujeitos marcados pelas suas objetivações, capazes de voltarem-se sobre o seu agir, para perceberem-se no seu movimento, identificando os sentidos que denotam ao seu estar-sendo e assumindo o desafio de ressignificá-lo;
- objeto/construído que necessita objetivar-se em discurso - conceitos, relações, sentidos - para tornar-se “meio de investigação do real” (Bruyne, [s.d.], p. 50), constantemente referenciado ao objeto/real que o provoca a mais conhecer, porque o transborda em totalidade, e ao objeto/percebido que lhe atribui sentido;
- objeto histórico, que “difere, em natureza, do objeto real e, em complexidade do percebido”, em cujos avessos encontramos objetividade e subjetividade em relação dialética.

Transformando a prática em objeto de conhecimento:

Na sistematização, transformamos a experiência que estamos sistematizando em objeto construído, isto é, numa mistura entre:

- a experiência como está acontecendo na realidade;
- o “jeito próprio” dos sujeitos que participam da experiência falarem sobre a mesma;
- e os elementos teóricos que tomamos para melhor compreender a experiência.

Momentos da sistematização:

Momento 1: Ter participado ou estar participando da experiência

Momento 2: Definir o objetivo da sistematização no intuito de ter clara a utilidade da sistematização: sistematizar para que?

Momento 3: Definir o eixo ou foco, focalizando nos aspectos que mais nos interessam. Eixos temáticos são aqueles temas ou aspectos da experiência que vamos escolher para sistematizar.

Momento 4: Recuperar o processo vivido. Trata-se de identificar as etapas, mudanças e momentos significativos de todo o processo (reconstrução histórica; ordenação e classificação da informação).

Momento 5: Fazer a interpretação crítica (Análise e Síntese)

Momento 6: Conclusões:

- As conclusões podem ser dúvidas
- São pontos de partida para novos aprendizados
- Oferecem contribuição da experiência para o futuro

Momento 7: Elaborar produtos de comunicação, que são formas de tornar comunicável o aprendido

3. TEMAS ABORDADOS E METODOLOGIAS APRESENTADAS

Condução de oficinas

Apresentamos aqui diferentes momentos importantes na condução de oficinas, junto com exemplo de dinâmicas que podem ser aplicadas.

Boas vindas, apresentação dos participantes

- **TÉCNICA DO TERRITÓRIO**

Objetivo: Apresentação rápida dos participantes e identificação das características gerais do grupo

Metodologia: Permite proporcionar para participantes e facilitadoras uma visão integrada do grupo todo, suas similaridades e diferenças. Assim, todos poderiam se conhecer melhor e se reunirem mais equanimemente para os trabalhos. Como é uma técnica lúdica e de muito movimento, eleva o ânimo das pessoas para já começarem a oficina em um clima de alegria. Também foi escolhida porque é uma das técnicas de maior aplicabilidade em qualquer tipo de grupo, sobretudo grupos grandes, de qualquer nível intelectual. Com essa dinâmica, se obtém uma rápida visualização do perfil do grupo presente no evento.

Operacionalização: As pessoas ficam de pé em um espaço aberto, juntas em um lado do espaço. Então uma facilitadora solicita que de acordo com a pergunta feita, as pessoas se dirijam a um dos espaços determinados.

Exemplo de perguntas, utilizadas na EP “Co-construção e participação na pesquisa”: Quem veio do Norte, Sul, Nordeste, Sudeste, Centro-oeste e fora do Brasil? Quem é pesquisador, professor, aluno, técnico de ONG, outras colocações? Quem já facilitou encontros; quem já facilitou encontros utilizando metodologias participativas; quem nunca facilitou encontros nem se vê os facilitando; quem nunca facilitou encontros mas gostaria de os facilitar? Quem é do projeto Odyssea, do INCT Odisseia Brasileiro, da EMBRAPA, da UNB, outras instituições?

Construção de acordos de convivência e formação de equipes de apoio

Objetivo: Criar acordos é importante para que todos se sintam contemplados com o andamento dos trabalhos, assim como formar equipes de apoio para auxiliar no bem-estar, no registro e avaliação das atividades da oficina.

Operacionalização: Pode ser feito em plenária, utilizando perguntas cujas respostas estão registradas em uma folha de *flip chart*. É importante que permaneçam expostas, por exemplo na parede, durante toda a oficina.

Exemplo de perguntas, utilizadas na EP “Co-construção e participação na pesquisa”: A criação dos acordos de convivência foi criada a partir das perguntas seguintes: O que eu preciso para me sentir bem aqui? O que pode atrapalhar eu me sentir bem aqui?

O outro acordo referiu-se a montar três equipes de apoio cujos integrantes mudariam todos os dias: (1) Equipe da memória - faz uma retrospectiva do dia anterior; (2) Equipe de apoio e observação - fica atenta às necessidades do grupo; (3) Equipe de *feed-back* - avalia o dia anterior e ajuda a corrigir rumos.

Os integrantes das equipes são escolhidos a cada dia, e deveriam se reunir para planejar a forma como realizar seus trabalhos.

Levantamento de expectativas x propostas das oficinas

Objetivo e operacionalização: Que perguntas os participantes trazem para esta oficina? Levantar as expectativas dos participantes em relação à oficina, de forma a alinhar as expectativas dos participantes com a programação do curso e, se for necessário e possível, fazer alguns ajustes de acordo com as expectativas do grupo.

Por exemplo, na EP “Co-construção e participação na pesquisa”, foi utilizada a metodologia do Metaplan, apresentado abaixo, para realizar esta atividade.

Na sequência, é interessante confrontar as expectativas dos participantes com os conteúdos e metodologias participativas escolhidas para a oficina, e assim estabelecer a relação entre os temas da oficina e as perguntas feitas. Para isso, na EP “Co-construção e participação na pesquisa”, as facilitadoras apresentaram o programa, uma visão sobre as metodologias participativas escolhidas e a trajetória das três consultoras dentro desses conteúdos e metodologias. A comparação com as perguntas feitas deu margem a que o grupo fizesse sugestões e propostas de seu interesse.

Dinâmicas de quebra-gelo

Melodia das vogais: Forma-se um círculo e cada pessoa fala as vogais de seu nome; em seguida, cria-se uma melodia para essas vogais (cada um por vez) e logo depois, todos cantavam juntos, criando uma bela polifonia. Essa dinâmica vem de uma origem tupi, relativa à energia do som das vogais e sua relação com áreas específicas do corpo humano.

Dinâmicas de retomada

Tem diferentes objetivos: avisar os participantes da retomada dos trabalhos de forma lúdica; coordenar e energizar o ritmo do grupo para recomeçar os trabalhos.

Exemplo de dinâmicas de retomada:

Com música e dança: Antes de saírem para almoçar os participantes podem fazer o acordo de voltar assim que escutassem uma determinada música, e entrar na dinâmica da dança. Pode se definir coreografia bem simples, mas que exija atenção e concentração para acertar o passo (por exemplo em espiral pelo espaço). A música escolhida pode falar do tema que será tratado em seguida. É uma atividade lúdica que traz bem-estar e alegria e faz com que ao final da dança, todos já estejam ali juntos e atentos para começar os trabalhos pós-almoço.

A mesma música e coreografia pode ser utilizada em diversos momentos (na volta do lanche, no final de uma atividade, quando o grupo está mais disperso), para que se torne uma marca da retomada dos trabalhos, sem precisar que os participantes sejam chamados e ao final da dança todos já estarem ali, prontos para retomarem os trabalhos.

Resgate do dia anterior e memória

Objetivo: Ativar a memória e criar uma síntese comum sobre o dia anterior; oferecer subsídios e retorno para as instrutoras e para o grupo. Também exercitar criatividade e ferramentas de memória e de avaliação. Essas dinâmicas podem ser realizadas no início de cada dia de oficina, e ficar sob a responsabilidade (e criatividade) do “grupo de memória”.

Avaliação das atividades

- **PESCA DA APRENDIZAGEM**

Objetivo: Avaliar o dia e refletir sobre aprendizados. É uma dinâmica de **auto-avaliação**.

Metodologia e operacionalização: Trata-se de uma ferramenta utilizada na sistematização de experiências com a finalidade de registrar os acontecimentos significativos do dia e de refletir sobre os aprendizados. Na EP “Co-construção e participação na pesquisa”, essa ferramenta, disponibilizada por Oscar Jara, foi adaptada pelas facilitadoras. No final do dia, pediram que cada participante responda a três perguntas numa folha de papel. As perguntas foram: (1) *O que eu senti?*; (2) *O que foi novo para mim?*; (3) *Que perguntas me ocorrem?*

- **HUMORÔMETRO**

Objetivo: Dinâmica de avaliação

Metodologia e operacionalização: De forma individual ou em grupo, pedindo para tirar média em relação ao sentimento sobre determinados quesitos. Por exemplo:

-2: não atendeu
minhas
expectativas

-1: médio não
atendeu

0: nem sim nem
não

+1: atendeu

+2: atendeu
plenamente



Avaliação

Grupos	Boa	Facil	Sist	L do T
1	2	1	0	1
2	2	1	0	1
3	2	2	1	1
4	2	1	1	1
5				

Dinâmicas de Encerramento

Podem ser utilizadas no final de cada dia, e no final de um evento. No final do dia, elas permitem celebrar e fechar o dia com uma atividade prazerosa.

- **QUE BOM! QUE PENA! QUE TAL!**

Objetivo: Dinâmica de avaliação, que permite compartilhar e registrar as impressões avaliativas do grupo sobre a oficina. Não substitui uma avaliação geral, que pode ser respondida por meio de um formulário específico pelos participantes, mas tem o papel, de naquele momento, permitir o compartilhamento das opiniões sobre os pontos fortes e os pontos fracos da oficina.

Operacionalização: Cada participante recebe três tarjetas de cores diferentes e em cada uma coloca uma das seguintes percepções sobre a oficina:

- 1) Que Bom!
- 2) Que Pena...
- 3) Que Tal?

Essa dinâmica pode também ser feita em círculo em que cada participante expressa seus pontos de vista sobre cada um desses pontos, em voz alta.

- **A TEIA OU NOVELO DE LÃ**

Objetivo: Este jogo tem como objetivo proporcionar ao grupo um momento de despedida em que todos sintetizam em uma palavra ou expressão como se sentiram nesta Oficina.

Da mesma forma como se evocou a importância da cultura circular para criar relações colaborativas e igualitárias na primeira atividade da oficina, este fechamento também é circular, com a participação de todos, completando o círculo com a palavra-síntese de cada um.

Operacionalização: As pessoas ficam de pé, formando um círculo. A facilitadora segura um novelo, prende em dos dedos da mão um pedaço do fio do novelo, diz seu nome e uma palavra que expresse como sentiu esta oficina. Então, lança o novelo para alguém, de preferência à sua frente. Essa pessoa que recebe faz o mesmo, diz sua palavra, enrola a lã no seu dedo para não escapar e lança o novelo para outra pessoa. Então, vai-se formando uma rede e as pessoas vão segurando cada uma a sua ponta, cuidando para que os fios estejam esticados suficientemente para se formar a rede, mas não tão apertado que possa romper ou machucar as mãos dos participantes.

A partir daí desfaz-se a rede, onde cada pessoa devolve o novelo para a pessoa de quem recebeu, dizendo outra palavra, um desejo para o futuro do grupo. Essa dinâmica usada no fim do evento, fortalece os vínculos da rede recém-formada.

Escuta em Três Níveis

Objetivo: Sensibilizar para uma das principais habilidades do pesquisador e do entrevistador: saber ouvir. Por meio das dinâmicas voltadas para escuta, os participantes podem se colocar na pele de seus entrevistados e testar os sentimentos que afloram como consequência de diferentes formas de ouvir.

Operacionalização:

Exemplo 1

Fazem-se dois círculos, um de dentro e um de fora, e formam-se pares. Quem está em um círculo fala e quem está no outro escuta. A pessoa que está no círculo que vai ouvir recebe um papelzinho do facilitador dizendo qual deve ser sua postura ao ouvir. Quem é ouvido não sabe o que está escrito no papel.

1ª. Rodada: A facilitadora instrui que quem está no círculo de fora fale com sentimento, em primeira pessoa, sobre "As coisas que me inspiram na vida".

A pessoa do círculo de dentro recebe um papel-guia dizendo como deve ser a sua postura de escuta. Neste caso é a ESCUTA DISPERSA, em que o ouvinte nem olha para quem fala, olha o relógio ou o celular e dá mostras de que não está prestando atenção.

Depois de 1,5 minuto, toca uma música, e o círculo gira, formando-se novos pares. Quem ouviu vai falar e quem falou vai ouvir.

2a. Rodada: A facilitadora instrui que quem está no círculo de dentro fala, com sentimento, em primeira pessoa, sobre "As coisas que me aborrecem ou me machucam na vida".

Quem está no círculo de fora, escutando, recebe um papel-guia dizendo que deve praticar a ESCUTA INVASIVA a que reage emocionalmente a tudo o que é dito, se aflige, quase chora, aperta as mãos de quem fala e faz gestos emocionados.

Toca música, novas duplas.

3a. Rodada: A dupla escolhe quem vai falar e quem vai ouvir e qual será o assunto. O papel guia indica que a escuta será com PRESENÇA, INTERESSE e ATENÇÃO RESPEITOSA.

Exemplo 2

Formar grupos de 4 pessoas. O grupo escolhe quem será A, B, C e D. Então A conta um fato sobre uma experiência, por exemplo, envolvendo uma ação de pesquisa e expectativas dos atores da pesquisa (5'). B observa para relatar o que foi contado (espelhar) (3'), C observa os sentimentos presentes, D observa as intenções por detrás do relato. Ao final da colheita de percepções, A dá o feedback da acuidade do relato contado por B e do que ressoou a partir da visão de C e D. (1 rodada). Finalmente, faz-se um debate em plenária.

Construção coletiva do conhecimento

Dinâmica do Aquário

Metodologia: É uma ferramenta muito eficiente, de fácil replicabilidade e que não exige materiais complexos, apenas cadeiras em círculo. É uma dinâmica que auxilia a promoção de diálogos em grupos entre 20 e 50 pessoas. Visa aumentar a compreensão sobre as perspectivas de um grupo de pessoas sobre uma questão ou proposta, bem como permitir-lhes opinar livremente. Geralmente é utilizado quando se precisa ter uma consulta de longo alcance sobre um tema controverso com a comunidade em geral, ou quando é necessário partilhar uma gama de opiniões que existem dentro de uma comunidade, ou ainda para ajudar um grande grupo a sentir que suas opiniões foram representadas em uma discussão. Também ajuda a construir confiança no grupo, a partir da transparência nas discussões e na tomada de decisão. (Mais informações sobre a metodologia podem ser obtidas em documentos no Dropbox).

Operacionalização: Ao contrário de uma palestra onde apenas uma pessoa está compartilhando informação, ou de uma mesa redonda onde a audiência envia perguntas para a mesa, o Aquário deixa uma ou duas cadeiras abertas para que qualquer pessoa dentre os participantes possa entrar no diálogo e contribuir com perguntas e observações.

Um tema é escolhido, que orientará o debate. Algumas pessoas podem ser indicadas para dar o “start” aos debates.

Na EP “Co-construção e participação na pesquisa, o tema escolhido para o Aquário, em reunião entre as coordenadoras do curso e as facilitadoras foi o seguinte: *Como lidar com as expectativas dos atores nas pesquisas participativas?*

Esse tema foi escolhido porque apareceu nas perguntas trazidas pelos participantes no primeiro dia e foi recorrente nas inquietações do grupo. Apareceu também nas discussões sobre o papel do facilitador, no teatro e nos exercícios de escuta.

Para dar o start no Aquário foram indicados, no dia anterior, pela coordenação do curso para as facilitadoras, três participantes do próprio grupo que sabidamente teriam experiências e reflexões ricas sobre o tema proposto: Joyce, Ricardo e Eric. Estes teriam o papel de sentar no círculo interior do Aquário para iniciar e dar o tom do diálogo. As facilitadoras os instruíram na véspera, pedindo que eles preparassem um relato de cerca de sete minutos para iniciar a reflexão sobre o tema e motivar a participação dos demais no seu aprofundamento.

Linha do Tempo

Objetivo: Reconstrução coletiva de uma história vivida.

Metodologia: a Linha do Tempo é uma importante ferramenta de diálogo para aspectos temporais. Permite a compreensão da percepção de fatos importantes que marcaram a vida da comunidade ou do grupo ou da instituição em seu processo histórico. Possibilita a reflexão de fatos e acontecimentos que provocaram mudanças no ambiente, no quadro antrópico, na cultura, na vida das pessoas. É feita a partir de uma representação esquemática linear do tempo e dos seus principais marcos históricos e referenciais da vida da comunidade. Pode ser um importante instrumento para compreender as matrizes referenciais culturais, mudanças e adaptações vivenciadas pelo grupo, instituição ou comunidade e compreensão da identidade e diversidade cultural. Esta ferramenta permite também compreender os fatos e elementos que contribuíram para fragilizar ou fortalecer determinadas práticas culturais, agrícolas, ambientais ou sociais (dependendo do foco que se quer dar). Pode fornecer elementos para uma abordagem histórica dos eventos que marcaram a memória afetiva e influenciam o fazer do grupo ou da comunidade.

Esta técnica pode ser feita reunindo pessoas que são guardiãs da memória e dos valores culturais, sociais, ambientais e éticos da comunidade. Importante fazer registros, pois podem gerar documentos sobre a história oral e falada, significativos para as gerações que não vivenciaram aqueles fatos.

Operacionalização: É feita a partir de um foco – qual história está sendo contada naquela Linha do Tempo – e, no caso da sistematização, pode conter perguntas orientadoras que definam melhor o foco escolhido. Uma vez levantadas as diversas percepções sobre a história, pode-se identificar etapas nessa história, identificar o que mudou de uma etapa para outra e nomear essas etapas. Esse exercício analítico complementa o uso da ferramenta com excelentes resultados.

Chuva de Ideias (*Brainstorming*)

Metodologia: A chuva de ideias, tempestade de ideias ou “toró de palpites” também chamada de *brainstorming*, é uma técnica utilizada para explorar o potencial de ideias de um grupo de maneira criativa e com baixo risco de atitudes inibidoras. É boa para resolver problemas específicos, desenvolver novas ideias ou projetos, juntar informação e estimular o pensamento criativo.

Operacionalização: Formam-se diferentes grupos com número igual de participantes. Dentre essas, um é o Facilitador (pessoa que vai cuidar da pauta e de que todos participem), outro o Relator (registra a síntese das discussões no flipchart) e os demais são os debatedores.

Um tema é designado para o grupo, que vai levantar ideias, sob os cuidados do facilitador e com o registro do relator.

Na EP “Co-construção e participação na pesquisa”, a tarefa foi fazer uma chuva de ideias sobre o seguinte tema: *O que é construção coletiva de conhecimentos? Quais são os desafios da construção coletiva de conhecimentos?*

No exercício, a pergunta foi colocada de forma aberta, sem detalhamento e sem regras ou proposta metodológica. A maioria fez aproximações, levantando princípios ou aspectos que dialogam com a temática. Porém, quando quer trabalhar com construção de conhecimentos, pode-se iniciar usando algo assim aberto e depois chegar a uma síntese. O que os grupos fizeram foi o caminho natural para conseguir trabalhar. Um dos grupos tentou chegar a um enunciado. Nem sempre conseguimos fazer isso, mas o objetivo normalmente é criar um conceito.

O Metaplan

Objetivo e metodologia: É uma ferramenta muito útil para os eventos participativos, uma vez que facilita a estruturação das ideias do grupo, estimula a objetividade e a síntese, permite a mobilidade da informação e a correção rápida dos registros, caso seja essa a decisão do grupo. Está baseada no uso de tarjetas coloridas para registrar as ideias seguindo algumas regras: no máximo 4 linhas por ficha, ser visível a 5 metros, só uma ideia por tarjeta, letras legíveis

Operacionalização

As pessoas escolhem, aleatoriamente, em que mesas sentam. O exercício começa de forma individual, com cada pessoa escrevendo em uma ou mais tarjetas as perguntas com que chega nesta oficina. Na segunda etapa, o conjunto das pessoas da mesa leem todas as perguntas, priorizam ou sintetizam e as colocam no painel. Na terceira etapa, as facilitadoras **organizam todas as perguntas em nuvens temáticas** com a participação e comentários de todo o grupo. Essas perguntas-síntese ficam expostas até o final da oficina para ver se foram respondidas.

O Café Mundial

Objetivo: Gerar e fomentar uma rede viva de diálogo colaborativo que acessa e aproveita a inteligência coletiva para levantar as principais questões da oficina.

A metodologia: O Café Mundial é uma metodologia que visa gerar e fomentar diálogos entre os indivíduos, a partir daí criando uma rede viva de diálogo colaborativo que acessa e aproveita a inteligência coletiva para responder questões de grande relevância para organizações e comunidades. O formato do Café é flexível e se adapta a muitas circunstâncias diferentes. No final da EP, utilizamos esta mesma técnica em outro formato. Quando as diretrizes são consideradas, fomentam o diálogo colaborativo, o compromisso ativo e possibilidades construtivas para ação.

Operacionalização (a partir da EP “Co-construção e participação na pesquisa”): Os participantes foram divididos em 5 mesas de conversação. Em cada mesa foi definido um “anfitrião” para permanecer enquanto os demais atuavam como viajantes, trocando de mesa a cada rodada. Cada mesa continha no seu centro uma tarjeta com uma pergunta que seria o seu tema de discussão.

- O anfitrião tem o papel de fazer um repasse das ideias geradas na rodada anterior e encorajar os “viajantes” a expressarem suas ideias com rabiscos, desenhos ou palavras-chave em folhas de *flipchart* ou cartolinas dispostas sobre a mesa. O anfitrião deve conectar essas ideias e dar boas vindas aos novos viajantes a cada rodada.
- Os viajantes trocam de mesa de acordo com sua vontade e a cada rodada atuam como polinizadores, dando opiniões e comparando o relato do anfitrião com as discussões das mesas em que participaram anteriormente.
- As rodadas devem durar o tempo suficiente para que o diálogo seja desenvolvido, de 20 a 30 minutos.
- Na última rodada os viajantes voltam às suas mesas de início, onde sintetizam as novas descobertas e se preparam para apresentá-las na plenária.

- Ao final das três rodadas, os anfitriões tiveram 7 minutos para apresentarem as conclusões de sua mesa.
- Por fim foi realizada uma conversação em plenária para compartilhar as descobertas, permitindo aflorar o conhecimento coletivo e o surgimento de possibilidades de ações conjuntas.

A oportunidade de passear entre as mesas, ouvir novas pessoas, contribuir ativamente com o seu pensamento e ligar a essência das suas descobertas aos círculos de pensamento em constante ampliação é uma das características marcantes do Café. Enquanto os participantes levam ideias-chave ou temas para novas mesas, compartilham perspectivas, enriquecendo a possibilidade de insights surpreendentemente novos.

Na EP “Co-construção e participação na pesquisa”, as perguntas propostas nas mesas foram as seguintes:

- Mesa 1: Por que queremos desenvolver pesquisas participativas?
- Mesa 2: Como escolher os atores que participarão das pesquisas?
- Mesa 3: Quando envolvemos os atores sociais, como isso muda o desenho da pesquisa?

A oportunidade de ouvir os *insights* e compartilhar as descobertas cria uma conexão com o conjunto maior. Após as três rodadas de conversa, pode-se propor um debate em plenária, que oferece ao grupo inteiro uma oportunidade de conectar os temas gerais ou perguntas, que ao final tornam-se de todos/as. Os cartazes que foram elaborados nas mesas servem para expor as discussões na plenária.

O papel das danças e dos jogos

Na perspectiva da Pedagogia da Cooperação, jogos cooperativos e danças circulares podem ser utilizados para encadear as atividades, preparando o corpo e o espírito para as habilidades e conceitos que seriam utilizados em seguida ou para ajudarem a incorporar conhecimentos que estavam sendo trabalhados.

Para aplicar os princípios, processos e procedimentos que embasam essas práticas colaborativas, geralmente aplicam-se jogos cooperativos. Acredita-se que os jogos são uma representação simbólica da própria vida e que por eles pode-se analisar e aprimorar comportamentos e ações.

As danças circulares também podem exercer o mesmo papel dos jogos como recurso pedagógico no trabalho de apoio à assimilação de conteúdos, mas sua maior eficiência é como atividade de integração de equipes promovendo a união e cumplicidade. Fortalece as relações, exercitando o respeito ao outro e à sua individualidade e, sobretudo, oferece momentos de alegria e prazer que relaxam e descansam o corpo e a mente em meio a trabalhos que exigem esforço mental.

Dança das palmas:

Objetivo: Uma forma lúdica de retomar os trabalhos e provocar concentração e sincronidade entre os participantes.

Alongamento com dança e abraço

Objetivo: Movimento, alongamento, relaxamento, preparação para o trabalho e contato afetivo com celebração.

Operacionalização: Movimentar-se seguindo a letra da música que vai indicando: “levantar o braço, etc.” e no final diz para dar um abraço em algum amigo.

O jogo dos autógrafos

Objetivo: Ajudar a refletir sobre e a desenvolver alianças e parcerias. Favorece o despertar para estratégias e metas grupais e desenvolve a percepção da ação dos outros jogadores. É um jogo que só tem sucesso se forem construídas alianças e parcerias.

Operacionalização: O facilitador coloca folhas de papel e canetas no centro da sala e dá um único comando, sem perguntas de esclarecimento, e apenas um minuto para cumpri-lo:

“Conseguir o autógrafo de todas as pessoas ali, ou da maior parte delas, em uma folha de papel, em apenas um minuto”.

Sempre é muito difícil o cumprimento desta tarefa em um minuto e, por isso, faz parte do jogo o facilitador dar um tempo de três minutos para o grupo se reunir, avaliar o porquê de não ter conseguido e traçar uma estratégia que permita alcançar a meta.

Então o facilitador dá um novo tempo de um minuto para aplicar a nova estratégia. Se ela também não funcionar, mais três minutos de reunião e nova tentativa.

Na EP “Co-construção e participação na pesquisa”, surpreendentemente, este grupo conseguiu atingir a meta da primeira vez. Na avaliação do jogo foi colocado que isso se deu pela atitude inicial de não tentar competir para ver quem consegue mais autógrafos, como é comum acontecer, já que fomos condicionados a competir e a sermos pressionados pelo tempo, agindo sem pensar. Aproveitamos então para avaliar quais os fatores que podem dificultar a ação colaborativa (individualismo, desconfiança, ausência de comunicação, competição, pressa, falta de organização e planejamento, ausência de liderança circunstancial) e também os fatores que a facilitam (clareza de objetivos, solidariedade, confiança e respeito mútuo, comunicação aberta, espírito de cooperação, planejar, criatividade, liderança de todos). O sucesso deste grupo neste jogo simples foi uma ótima oportunidade para percebermos a importância das metodologias colaborativas e, sobretudo para motivar o grupo a continuar agindo colaborativamente. O grupo rapidamente se deu conta de que alguém tinha tido a ideia de que todos/as assinassem na mesma folha e essa iniciativa foi seguida por todos, sem resistências, alguns/as por terem percebido a estratégia, outros/as por deixarem-se levar.

Jogo casa, morador e terremoto

Objetivo: Jogo corporal e de atenção que lida com a emoção de trocar de lugar e de papéis e de ver uma situação desfeita. É utilizado para representar as Inquietações do grupo durante a fase em que já estão colocadas diversas questões mas ainda falta arrumá-las. É bem simbólico e segue o pressuposto de que o que é sentido no corpo prepara a mente para pensar melhor.

Operacionalização: Duas pessoas levantam suas mãos dadas formando um triângulo, simbolizando uma casa. Outra pessoa irá para o meio das duas simbolizando um inquilino. Quem sobrar, dará o primeiro comando. Se disser “inquilino”, todos os inquilinos procuram novas casas e se disser casa, as casas é que se deslocam procurando um novo inquilino. Mas se disser “tempestade”, todos trocam de posição, podendo mudar seus papéis de casa para inquilino e vice e versa. Quem sobrar, dá o próximo comando.

Teatro Fórum

Objetivo: O Teatro Fórum está entre as metodologias que mais propiciam o diálogo sobre questões complexas com a participação de um grupo grande. Permite experimentar vivenciar situações conflitivas e diferentes papéis, com possibilidades de diferentes finais para as histórias.

O Teatro pode ser utilizado como uma das metodologias de maior complexidade porque é uma representação da própria vida como ela é, em todos os seus aspectos. Proporciona total liberdade de interpretação das situações a serem abordadas e, ao mesmo tempo, é uma prática muito bem compreendida e aceita pelas comunidades, podendo ser reproduzida pelos técnicos.

No Teatro-Fórum, a barreira entre palco e plateia é destruída e o diálogo, implementado. Produz-se uma encenação baseada em fatos reais, na qual personagens entram em conflito, de forma clara e objetiva, na defesa de seus desejos e interesses. No confronto, quem está só assistindo pode ser estimulado a entrar em cena e substituir um dos personagens para buscar alternativas para o problema encenado.

Operacionalização: na EP “Co-construção e participação na pesquisa”, o Teatro-Fórum foi a ferramenta escolhida para a abordagem de um dos temas mais complexos com que se deparam os pesquisadores: a Participação Cidadã.

Para a realização do Teatro, os participantes foram divididos em cinco grupos e cada grupo recebeu a descrição de uma situação representativa de uma abordagem de pesquisadores dentro de uma

comunidade que deveria ser representada de forma a caracterizar um dos níveis da Escada da Participação. Foi solicitado ao grupo que criasse uma situação vivida ou imaginada que apresentasse um conflito de participação. Os grupos tiveram 30 minutos para elaborar o roteiro, os argumentos e os personagens e ensaiar. Após esse tempo, cada grupo teve 5 minutos para se apresentar. As situações que seriam apresentadas eram as seguintes:

Situação 1: O pesquisador trata as pessoas como inferiores e sem nenhum conhecimento – ele veio trazer a solução

Situação 2: O pesquisador chega na comunidade apenas para buscar informações

Situação 3: O pesquisador quer validar ou testar uma tecnologia que traga benefício para a comunidade, que ele acredita que será boa para a comunidade

Situação 4: O pesquisador e a comunidade vão juntos buscar financiamento para uma pesquisa participativa – argumentar sua importância

Situação 5: A comunidade leva uma demanda de pesquisa ao pesquisador

Nesta versão do teatro Fórum que trabalhamos, não houve intervenções ao final de cada apresentação para propor um outro final, mas isso poderia ser feito – de fato, isso é o que o Teatro Fórum propõe. Para nosso objetivo, que era experimentar níveis diferentes de participação, a apresentação de cada grupo foi suficiente. Após as apresentações, houve um debate no qual as facilitadoras falaram sobre a “escada de participação”.

4. O EVENTO NO DIA-A-DIA: REFLEXÕES SOBRE...

... A participação nas pesquisas

	Dinâmicas utilizadas	Objetivos
(1)	Café Mundial	Gerar e fomentar uma rede viva de diálogo colaborativo que acessa e aproveita a inteligência coletiva para levantar as principais questões da oficina.
(2)	Teatro Fórum com o tema “Conflitos sobre participação de acordo com a “escada da participação”	Experimentar vivenciar situações conflitivas e diferentes papéis, com possibilidades de diferentes finais para as histórias.

(1) Reflexões trazidas pela dinâmica do “Café Mundial”

As perguntas propostas nas mesas foram as seguintes:

Mesa 1: Por que queremos desenvolver pesquisas participativas?

Mesa 2: Como escolher os atores que participarão das pesquisas?

Mesa 3: Quando envolvemos os atores sociais, como isso muda o desenho da pesquisa?

Pergunta 1 - Por que queremos desenvolver pesquisas participativas?
<p>Porque usar métodos participativos é:</p> <ul style="list-style-type: none">- Mais divertido- Traz mais satisfação- Mais leveza- Mais criatividade- É mais divertido e dá mais satisfação em termos da realização da pesquisa- Quebra de protocolos- Promove novas competências- Mais integração <p>Para aprofundar aspectos metodológicos</p> <p>Porque pode ter mais efetividade</p> <p>Transdisciplinaridade</p> <p>Empoderamento</p> <p>Maior qualidade dos dados</p> <p>Para favorecer a inclusão e também para criar escuta para todos</p> <p>Co-construção de agenda de pesquisa entre pesquisadores e agentes sociais</p> <p>Ter um compromisso que permita assegurar a participação, mas garantir métodos participativos</p> <p>Instrumentalizar grupos sociais para validar seus resultados</p> <p>Informações relevantes</p> <p>Uma visão mais crítica</p> <p>Porque pode envolver as 4 esferas: empresa, governo, sociedade e universidade</p> <p>Riscos:</p> <ul style="list-style-type: none">- Não pode misturar pesquisa com política

- Validações banais
- Frustrar expectativas
- Mobilizar conflitos (como por ex na cartografia participativa)
- Cuidado para não frustrar expectativas quando tem uma visão participativa da pesquisa

Empoderamento do grupo social, redução das assimetrias entre pesquisadores e atores sociais

Agenda compartilhada

Compromisso social e segurança (rigor) científica

Protagonismo

Capacidade de dialogar com conflitos sociais

Cartografia participativa e sua diferença com a cartografia social, onde o pesquisador assina a pesquisa. E na anterior não tem uma “autoria”.

Protocolos de pesquisa, realizar métodos com mais tranquilidade, leveza, participação dos grupos sociais e comprovação de que realizando pesquisas participativas os pesquisadores precisam se qualificar e aprender novas formas.

Pergunta 2 - Como se escolhem os atores para participar da pesquisa?

Relações sujeito X objeto

- papeis que se alternam

Sistemas auto-observantes

Pesquisador faz parte, é um ator

De onde vem a demanda?

A quem servem os resultados?

Critérios e representatividade / legitimidade

Escolha “com” e não “sobre”

Riscos:

- atravessamentos políticos
- relações de poder

Observar as fronteiras/ conflitos/ na escolha dos atores – definir potenciais atores

Flexibilidade

Intervenção ou pesquisa?

Clareza do objetivo

Motivação

Papel da liderança e diversidade de representações

Planejamento

Manejo de conflitos

Criatividade

É importante, ao definir os atores, ter em vista a motivação deles em participar da pesquisa, porque nem sempre eles estão interessados

A escolha pode ser do ator que se voluntaria

Olhar para os fenômenos considerando os contextos e as múltiplas relações

Além de desafiar a escolha, pensar de onde vem a demanda, porque essa escolha tem a ver com quem demanda e a quem essa pesquisa serve

Se partimos dessa perspectiva, temos que prestar atenção em certas armadilhas, como a de que precisamos ter tudo desenhado *a priori*, quando, na verdade, o processo de pesquisa participativa é dinâmico e os atores inicialmente considerados relevantes podem não se mostrar como tais

Muitas vezes, nas lideranças, há casos em que as pessoas se dizem líderes, mas quando se entrevista as comunidades percebe-se que aquela liderança não é reconhecida

Conhecer o campo, o local, as nuances, os conflitos com relações de poder

Mudanças culturais, locais

Tem a questão da representatividade.

A escolha precisa ser com esses atores e não sobre os atores. Embora seja dinâmico, tem riscos: implicações políticas quando o pesquisador nem sempre consegue compreender os cenários e o que está em jogo.

Somos muito questionados pela academia: isso é intervenção social ou pesquisa? Essa questão não está completamente superada.

Se trabalhamos com métodos participativos, as relações são circulares, os papéis vão se alternando

Olhar para o fenômeno com o pesquisador fazendo parte do campo de observação

Além de desafiar a escolha, pensar de onde vem a demanda, porque essa escolha tem a ver com quem demanda e a quem essa pesquisa serve

Fronteiras e bordas da delimitação, delicada e conflitiva.

Precisamos eleger em certo momento, mas isso também envolve que certos atores serão deixados para trás, mas precisamos dar resposta a essa complicação definindo atores

Pelo recorte do problema, dá para indicar.

Mas, é preciso ter flexibilidade, ser capaz de mudar o curso dentro do seu próprio processo.

Considerar a diversidade e não apenas a liderança

É importante ter um bom planejamento desse processo, é importante mapear os atores, respeitar as hierarquias, mas também furar esse bloqueio para ter mais diversidade de percepções.

Quanto mais diversidade melhor? Sim, é bom diversidade. Quando se escolher os atores, deixar claro na pesquisa que há outros atores.

Nesse planejamento, ter em mente que você estará trabalhando em ambiente conflituoso.

Flexibilização.

Usar criatividade para superar problemas.

Pergunta 3

Quando envolvemos os atores, como isso muda a pesquisa?

MUDA

Ritmo se altera

Pode levar a reformulação

Demanda mais tempo (que não há)

Dependendo da etapa, muda o desenho

Construir pactos

Abraçar a contradição

Desafios:

- Perda da linearidade/ múltiplos caminhos
- Mais dúvidas
- Mais riscos (“altura da queda” – ex: projetos de geração de renda)
- Manter o foco
- Burocracia X flexibilidade – postura do pesquisador tradicional

Ganhos:

- Mais realidade
- Devolver o lugar de fala
- Mais empoderamento e protagonismo
- Mais aplicabilidade (por ex, nas políticas)
- Sujeitos
- Dor “boa”- desconforto como impulso para ação – como o tango!

Envolver os atores muda a pesquisa, o ritmo da pesquisa é alterado, também dependendo em que ciclo da pesquisa é inserida a participação dos atores.

Afeta o desenho, a dinâmica e pode levar a uma reformulação.

É possível ter envolvimento de atores sociais quando há métodos quantitativos?

Tempo: A pesquisa participativa demanda tempo. Pode refletir em necessidades de reformulação e em razão do tempo mudar a pesquisa e a hipótese, vindo a mudar a perspectiva de atores e pesquisadores sociais.

Considerar um acordo, um pacto entre pesquisadores e atores sociais

Situações em que os resultados não foram como o esperado

A pesquisa envolvia geração de renda, mudanças na vida da comunidade, se isso não acontece a frustração é muito maior

Se você envolve demandas locais juntamente com as demandas dos pesquisadores, as demandas locais podem envolver até a própria sobrevivência.

É mais difícil manter o foco quando tem participação

Na segunda rodada, a visão foi mais positiva:

A pesquisa terá envolvimento mais real, vai devolver o lugar de fala das comunidades, mais espaço de discussão, mais empoderamento, mais protagonismo, mais aplicabilidade

As comunidades locais deixam de ser apenas objetos ou informantes, mas se tornam sujeito das pesquisas.

Na terceira rodada houve um refinamento, observando mais os detalhes e trazendo a realidade do grupo, com a experiência de preencher formulário de comitê de ética.

Tem a questão da dor, por mais que possa gerar frustração, a dor de não atender a expectativa como era desejado, mas é uma dor boa, gera um desconforto, mas também um impulso para a ação.

Geralmente a gente tenta negar a contradição, a importância de abraçar a contradição porque faz parte da experiência humana e portanto da pesquisa.

Quanto à burocracia, todo mundo com medo de levar multa e, diante desse ambiente de contradição, você tem que prever com antecedência quantas comunidades e não tem espaço para ampliar o campo quando se faz necessário. Há uma necessidade de adaptar. Quantas décadas de pesquisa participativa e acabamos sendo cobrados pela pesquisa tradicional.

A oportunidade de ouvir os *insights* e compartilhar as descobertas cria uma conexão com o conjunto maior. Após as três rodadas de conversa, houve um debate em plenária. Isso ofereceu ao grupo inteiro uma oportunidade de conectar os temas gerais ou perguntas, que ao final tornam-se de todos/as. Algumas questões de fundo foram colocadas:

- De quem parte a pergunta, do pesquisador ou da comunidade?
- Quando se juntam ciências naturais e antropólogos, já existe um embate entre eles na própria formulação da pergunta.

(2) Reflexões trazidas pela dinâmica do “Teatro-Fórum”

Para a realização do Teatro, os participantes foram divididos em cinco grupos e cada grupo recebeu a descrição de uma situação representativa de uma abordagem de pesquisadores dentro de uma comunidade que deveria ser representada de forma a caracterizar um dos níveis da Escada da Participação. Foi solicitado ao grupo que criasse uma situação vivida ou imaginada que apresentasse um conflito de participação. Os grupos tiveram 30 minutos para elaborar o roteiro, os argumentos e os personagens e ensaiar. Após esse tempo, cada grupo teve 5 minutos para se apresentar. As situações que seriam apresentadas eram as seguintes:

Situação 1: O pesquisador trata as pessoas como inferiores e sem nenhum conhecimento – ele veio trazer a solução

Situação 2: O pesquisador chega na comunidade apenas para buscar informações

Situação 3: O pesquisador quer validar ou testar uma tecnologia que traga benefício para a comunidade, que ele acredita que será boa para a comunidade

Situação 4: O pesquisador e a comunidade vão juntos buscar financiamento para uma pesquisa participativa – argumentar sua importância

Situação 5: A comunidade leva uma demanda de pesquisa ao pesquisador



Os grupos foram extremamente criativos e divertidos, apresentando situações extremas e personagens caricaturais, provocando muitos risos e atenção total de todo o público.

... A construção coletiva de conhecimento

	Dinâmicas utilizadas	Objetivos
(1)	Exercício de Chuva de Ideias (<i>Brainstorming</i>) sobre Construção Coletiva do Conhecimento	Criar um retrato sobre como os participantes se comportam em dinâmicas participativas e o que trazem sobre a construção coletiva do conhecimento

(1) Reflexões trazidas pela Chuva de Ideias (*Brainstorming*)

O que é a construção de conhecimentos coletivos?

- Uma leitura coletiva que amplia nosso campo de visão. O conhecimento que é gerado é novo e supera as partes.
- Células que estão lado a lado quando se juntam em um tecido formam algo muito maior
- Transdisciplinaridade
- Cooperação e diálogo de saberes que estimula a criação de novas ideias
- Ouvir e observar as experiências de pessoas com diferentes histórias, escolaridades, vivências
- Diminuir as assimetrias de poder que existem nos grupos (exemplo de diálogos em comunidades que o filho não fala porque a mãe está presente)
- Adequar a linguagem para que todas as pessoas possam compreender o que está falado
- Faz parte dessa construção a abertura: algumas ideias precisam ser abandonadas para que outras possam emergir.
- Diferença entre construção de conhecimento e sistematização de conhecimento
- Ligação entre construção e organização do saber disperso
- Seria mais a pesquisa chegando a lugares novos ou a pesquisa sistematizar conhecimentos que já existem em outros formatos?
- Analisar o conhecimento em sua dimensão histórica, não existe isso de “partir do zero”. Estamos assentados sobre uma construção que está em curso.
- Caráter provisório, inconcluso do conhecimento
- Criação de simetrias entre participantes

- Fazer a diferença entre construção colaborativa e construção coletiva
 - Construção coletiva tem o foco
 - Na colaborativa parece algo mais instrumental... um grupo de pesquisadores que colaboram para criar um artigo
 - Construção coletiva é uma construção com um grupo social gerando um conhecimento novo, próprio ao grupo envolvido
- Processos de a cada passo guardar o que já foi criado antes
- A construção do conhecimento coletivo deve ser um conhecimento novo, que sempre parte de um diálogo de sistematização dos conhecimentos e que responde a uma problemática específica.

Quais são os desafios da construção coletiva de conhecimentos?

- Como articular
- Escuta sincera (e fala também)
- Assegurar a participação e a representatividade
- Acolhimento das necessidades
- Não desviar da questão principal (foco)
- Como fazer?
- Estrutura do mundo acadêmico: tempo, recursos, olho no olho é importante achar que uma semana em campo resolve tudo mas não resolve
- Conciliar e pactuar diante das expectativas dentro do grupo
- Transição entre conhecimento acadêmico e não-acadêmico.
- Problema da forma do conhecimento acadêmico, caráter mais organizado, expresso em artigos científicos como uma das dificuldades da ligação entre conhecimento formal e não formal.
- Necessidade de haver um esforço de retirada das hierarquias dos conhecimentos, formal, informal, puro, aplicado, prático etc ... pois isso se revela também como desafios para a construção do conhecimento.

Foi feita a reflexão de que aspectos que foram registrados como desafios fazem parte da resposta sobre o que é a construção coletiva de conhecimento.

Outra parte do debate foi sobre o conhecimento ser sempre coletivo porque vem da humanidade - genericamente é assim, mas na prática isso é muito diferente, porque há campos muito bem definidos e hierarquização de conhecimentos.

... Como lidar com as expectativas dos atores

	Dinâmicas utilizadas	Objetivos
(1)	Dinâmica do Aquário	Abordar uma das principais questões levantadas em dinâmicas anteriores e que era do desejo do grupo retomar para aprofundar.

(1) Dinâmica do Aquário: relatos das experiências sobre o tema

Joyce (Embrapa)

Relatou o caso da Rede Amazônia Sustentável no Pará, iniciado em 2009 em Santarém. Ela começou contextualizando sua própria experiência em 2009 quando tinha pouco tempo de Embrapa, muita empolgação, inocência, e falta de experiência -comentando que, por um lado, é bom porque dá impulso para fazer coisas que talvez não se fizesse depois.

“A equipe chegou muito animada para trabalhar com pesquisa socioambiental, com muitos ecólogos e vontade de fazer boas análises sociais e ambientais, além de contatar os colegas e as

comunidades. Iniciaram marcando alguns pontos no mapa e se propondo a chegar àqueles pontos para fazer as medidas, buscar as pessoas e dialogar, não importando a dificuldade de acesso, ou o tamanho da propriedade. Marcaram mais de 100 pontos para analisar.

Mas quando começaram viram que “o buraco era mais embaixo”. Na região havia um histórico de muito conflito com as plantações de soja e muitas comunidades expulsas. Também havia preconceitos sobre as Instituições como o Greenpeace que já tinha feito movimentos lá, o Ibama que desceu de helicóptero para multar etc. Com a Embrapa tudo bem, porque não era considerada contra os produtores. Mas estrangeiros não eram bem vistos, podiam ser do “Grinpix”. Também havia diferenças na relação de confiança dos agricultores.

Pontos detectados que poderiam gerar expectativas e/ou conflitos:

- Fizeram uma parceria com a TNC que tinha um programa chamado soja sustentável que tinha prioridade para comercializar, então era bem-visto.
- Um agricultor perguntou qual era a nossa religião, um pesquisador disse que era ateu, eu disse que era cristã e que era a primeira pessoa da minha família a ter um curso superior, ele então me identificou como uma cabocla da rede rasgada e assim nos autorizou a fazer a pesquisa.
- Havia uma certa má-vontade com estrangeiro e havia estrangeiros no projeto.
- Havia interesses e expectativas pessoais e institucionais (“o que eu vou ganhar?”)
- Apenas um grande proprietário não autorizou a pesquisa. Foi difícil, mas conseguimos.
- Também é difícil conciliar visões de mundo muito diferentes. Uma fala que escutamos de um fazendeiro foi “esse governo do PT só serve pra índio e quilombola, mas eu pergunto, pra que que índio serve?”
- Estamos na região até hoje e muitas coisas aconteceram. Estamos na fase de 10 anos do projeto. Conseguimos iniciar com 200 áreas e foram escolhidas 30 áreas onde se fazem medidas periódicas, algumas a cada 15 dias. Mas fomos perdendo algumas áreas e por isso fomos conversar com o sindicato, cuja liderança mudou. O presidente nos disse que esse tipo de pesquisa não é interessante para eles: eles querem produzir e não barreiras para a produção.
- Acho que é muito difícil lidar com as expectativas, e elas não se cumpriram para a maioria do grupo. Quando fui apresentar os resultados do projeto e contar sobre o que aconteceu em um stand na feira agropecuária, os agricultores não compareceram, só os estudantes”.

Ricardo (UFPA)

Ricardo relatou e comparou mais de uma experiência:

“Em 2006, trabalhei com empresas de georreferenciamento em Santarém, para apoiar populações extrativistas e pequenos agricultores. Utilizávamos pesquisa participativa e foi proposto a esses grupos que fizessem um mapeamento dos conflitos de terra. Não havia uma preocupação acadêmica, mas uma preocupação militante. Esse mapa foi produzido e foi para as mãos do Ministério Público. Houve satisfação com os resultados.

Quando fui para o Mestrado dediquei-me a pensar cenários de futuro para a questão da terra, construímos cenários participativos de futuro desejado no projeto acadêmico. Foi difícil não criar expectativas e não havia um produto porque não era um trabalho engajado, era um trabalho acadêmico, envolvendo comunidades e instituições como INCRA, MPF, FUNAI. Foi muito difícil lidar com as expectativas. A comunidade nos perguntava: “É o nosso futuro desejado, como fica?”

O outro contexto foi no Vale do Jari, onde há um dos maiores latifúndios da Amazônia, onde fui fazer um mapa dos conflitos agrários. Meu interesse eram os conflitos fundiários na Amazônia. A expectativa local era ter um mapa que ajudasse nas lutas deles, e a minha era entender aquele lugar. Desenvolvemos uma metodologia de pesquisa que orientou uma permanência de 6 meses, e

promovemos ensinamentos de como usar o GPS. Conseguimos atender quase totalmente as expectativas”.

Eric (CIRAD, CDS/UnB)

“Trabalho com a metodologia da pesquisa ação e vou citar aqui 4 técnicas que são usadas nessa metodologia para diminuir assimetrias, aproveitando alguns casos dos quais participei em MG com Embrapa e CIRAD, onde a equipe do CIRAD foi chamada para co-construir uma metodologia com a Embrapa e as comunidades.

A Embrapa Cerrado vinha trabalhando por 4 anos nos assentamentos de Unaí, com métodos participativos, desde 2001, com reuniões permanentes com agricultores.

Fizemos um diagnóstico de como os assentados tinham percebido essas metodologias, para ver quais poderíamos reintroduzir no processo de pesquisa ação e, para nossa grande surpresa, os assentados não faziam nenhuma diferença entre as metodologias da Embrapa, da UNB e as visitas do INCRA e EMATER, mas sim, agregavam valores afetivos à equipe do projeto porque visitavam a família e os levavam no carro para a feira. Mas sobre o método do trabalho eles não percebiam diferença.

Construir um objetivo comum - é um problema social e um problema técnico científico que pode durar de um a dois anos mas é fundamental para que seja possível realizá-lo em um projeto de 5 cinco.

Reduzir a assimetria entre agricultores e pesquisadores - demanda muitas reuniões, sessões de capacitação etc para construir uma linguagem comum e isso é muito difícil para os produtores de leite, que têm uma dinâmica muito pesada de trabalho.

Aproveitar momentos dos agricultores para avançar no trabalho – momentos como feiras, comemorações etc, momentos curtos.

Antecipar e preparar a saída da equipe de pesquisa, desde o início a comunidade deve saber que a partir de tal data a equipe de pesquisa vai se retirar. Realizar a cada ano uma avaliação, um planejamento, um olhar para o calendário para saberem que os pesquisadores sairão”.



Questões e participações do grupo

Pergunta 1, destinada à Joyce: Foram reduzidas as áreas do projeto e hoje há dificuldades com as expectativas dos grandes proprietários. Sendo assim, é possível prosseguir o projeto com qualidade atendendo ao objetivo, com esse público que tem uma visão de mundo tão diferente? Que tipo de contrapartida se pode oferecer para que eles tenham motivação para seguir participando da pesquisa?

Resposta Joyce: é muito difícil chegar numa conciliação, eles dizem: você me trouxe uma lista de árvores e pássaros da minha propriedade, mas o que isso me interessa? Eles estão interessados na soja. Mas são áreas estratégicas porque perdemos muitas áreas de florestas ali.

Essa é a minha própria pergunta hoje: é mais fácil trabalhar com a agricultor familiar, porque o que ele quer é visibilidade. Ele está sofrendo lá e ninguém vê. Quem dá visibilidade, traz ele para um fórum, dá voz a ele, atende a ele.

Pergunta 2, destinada à Joyce: Parece que houve mais frustração dos pesquisadores da universidade do que dos agricultores. Nós também temos que administrar nossas expectativas. O que nossa pesquisa transforma, que expectativas estão em nós e como lidamos com isso? Expectativa vem de esperar. E não temos como esperar. Temos o tempo da pesquisa, tem que publicar. Como lidamos com esses dilemas?

Resposta Joyce: O distanciamento e olhar crítico dos pesquisadores no processo de pesquisa ação e a explicação aos agricultores sobre o que é a pesquisa; não se trata apenas de controle social. A comunicação entre as partes é fundamental. Uma atitude importante foi explicar como a pesquisa funciona, como é o tempo da pesquisa, que é demorado porque saímos para as coletas, depois temos que analisar e só então retornamos.

Resposta Eric: No caso de manejos florestais, os ciclos demoram muito. Trabalhar com pesquisa ação em floresta e agricultura, tem que adaptar e garantir pelo menos 10 anos. Cuidado se você não consegue recursos para fazer algo assim, porque o método canônico não vai permitir realizar essa pesquisa.

Resposta Ricardo: Na nossa pesquisa o tempo era bem delimitado. Mas depois tem muito desdobramento.

Pergunta 3: A gente ouve a expressão: “o campo é soberano”, que o campo vai orientar e reorientar como será a pesquisa, a receptividade e adesão dos grupos. Então fico pensando nessa questão dos processos grupais. A gente sabe que os grupos têm uma vida própria, como um organismo: nascer, florescer, morrer ou minguar ou se refazer. E não tem como controlar isso. Como entrar em contato com o ritmo vital dos grupos, para que a pesquisa se torne viável?

Resposta Eric: A pesquisa ação tem um comitê de pesquisa com pessoas de fora também, que têm por objetivo motivar e evitar que cada um se engane sobre a sua função no processo. Os pesquisadores seguem sendo pesquisadores e os agricultores também. Precisa muita pedagogia, rigor científico e rigor metodológico.

Ricardo: Os grupos que normalmente eram estudados (indígenas, quilombolas e outros) começam a produzir pesquisadores, as pessoas tiveram acesso à universidade e isso gera um movimento interessante. Envolve outras questões como legitimação, é extremamente complexo. É muito interessante por um lado e muito difícil de se encaixar.

Melissa: A dinâmica dos ritmos gera demandas diferenciadas. Ao trabalhar com Povos Indígenas temos que pactuar o tempo todo e assumir riscos conjuntamente. Os Suruí querem uma universidade dentro da terra indígena e estão dialogando com a Unicamp. Querem conversar sobre o Direito Indígena. Eles é que dão as cartas. Eles dizem quais são as disciplinas que querem porque eles querem

ser os professores. Os Suruí têm um planejamento de 50 anos. E exigem da UNICAMP coisas que a UNICAMP não tem como assumir. É uma negociação contínua. Os professores ficam confusos porque eles querem fragmentar o conhecimento, quando nós pesquisadores estamos questionando a fragmentação.

Vanessa: Ricardo falou dos estudantes quilombolas e indígenas, vou falar dos indígenas quando eles se tornam pesquisadores, já que tenho acompanhando essas situações. Em Roraima tem um grupo de formação de professores indígenas (Núcleo Insikiran) que teve muito apoio da Fundação Ford para formar os professores. Então acompanhei esse processo de formação de professor pesquisador que se propõe a produzir informação sobre o seu povo. Eles se deparam com situações muito complexas nas suas próprias comunidades para realizar a pesquisa. Sofrem muitas dificuldades que achavam que não iam ter. Muitos dizem: “por que você quer o meu conhecimento?” “Agora você está na universidade, você é estudante, vai ganhar dinheiro e como eu fico?”

Outras questões e comentários levantados no Aquário:

- Houve muitos anos de contatos entre pesquisadores e comunidade sem retornos para as comunidades, o que gera uma resistência.
- Os estudantes têm clara a necessidade de pactuar internamente, não apenas os pesquisadores de fora, para explicar a pesquisa e o processo da pesquisa.
- Há uma reconfiguração da pesquisa, e um estudo sobre a pesquisa para si mesmo.
- Pesquisas lidam com expectativas muito próximas para um grupo.
- Nem sempre há clareza ou certeza de que a pesquisa gera algo para o coletivo.
- Tempos diferentes
- Transparência sobre limites
- Visões de mundo e intenções não convergentes
- Clareza dos papéis – pesquisadores, agricultores
- Necessidade de muita pedagogia
- Presença de indígenas e quilombolas também como pesquisadores (novas universidades)
- Pactuar o tempo todo e assumir riscos juntos

... A importância da escuta

	Dinâmicas utilizadas	Objetivos
(1)	Vivência sobre a Escuta	Sensibilizar para uma das principais habilidades do pesquisador e do entrevistador: saber ouvir
(2)	Exercício de escuta em três níveis	

(1) Vivência sobre a escuta

Na avaliação, foi discutida a importância da forma de atenção do ouvinte para que quem fala consiga se expressar verdadeiramente.

Quem escutou na primeira escuta: dispersiva, distraída

É muito difícil escutar sem olhar nos olhos.

Meu par falava do coração, foi muito difícil, me senti compreendida na fala del/a mas não podia trocar de papel

Sensação de desrespeito, o assunto era super interessante, mas eu tinha que me colocar numa posição de desrespeito

Quem escutou no segundo tipo de escuta: invasiva

Não imaginava que isso existia

Sensação de quem falou na segunda rodada: “não estávamos sendo ouvidos. Houve muita interrupção, a minha interlocutora era inconveniente”.

Quem escutou no terceiro tipo de escuta: respeitosa, ativa

Na terceira rodada foi bom.

Como ouvinte, senti uma dúvida porque o assunto era tão interessante, que eu queria completar, mas pensei que não podia falar. Fiquei me questionando como ouvinte, porque pra mim eu não estaria escutando se não tivesse interagindo, dialogando.

Se esse exercício fosse um mestre, o que ele teria te ensinado?

- Aceitação
- Paciência
- Respeito
- Toda fala sem escuta é monólogo
- A forma como a gente é escutado determina a forma como a gente fala
- A forma como a gente escuta determina a forma como o outro fala
- Culturalmente, o primeiro estado de escuta sem contato visual é muito mais violento do que o segundo.

(2) Exercício de escuta em três níveis

Como foi a experiência da escuta nos três níveis?

Busca de simetria
“Pode o subalterno falar?”
Coisas pré-concebidas
A pessoa escuta o que quer
Difícil mudar o papel de escutar as informações para escutar as intenções
Linguagem corporal
Relatório – “neutralidade”/ distanciamento
Desafio: fazer os três papéis – escutar a dor, relatar de forma “neutra”
Difícil fazer a escuta do que está por trás sem conhecer o contexto X perigo de conhecer demais:
não saber pode ser positivo
A gente projeta nossas intenções
A gente diz mais do que pensa que diz
O exercício foi cansativo

Apesar de alguns terem considerado o exercício cansativo, todos o consideraram muito interessante. A troca de papéis possibilitou perceber a influência de ideias pré-concebidas, o que significa que a pessoa acaba não escutando de verdade o que o outro está dizendo. Uma das conclusões foi que é revelador descobrir que, em realidade, “a pessoa escuta o que quer”. Por outro lado, a troca de papéis foi a parte difícil do exercício, especialmente sair do papel mais objetivo (ouvir o discurso e ser capaz de repeti-lo) para o de tentar ouvir de outra forma, ouvir o não dito, perceber as intenções.

Outra importante constatação foi sobre a linguagem corporal – como é importante ler também essa linguagem, tão reveladora. Muito do não dito em palavras revela-se na linguagem corporal, que tem uma força muito grande.

A preocupação com a neutralidade – presente várias vezes durante a oficina – surgiu mais uma vez como uma dificuldade ao se perceber como é difícil relatar com neutralidade o que se ouviu, ao mesmo tempo que se busca observar a situação. O observador atento exige níveis de atenção que sobrepõem a mera repetição das palavras. Com os três papéis acontecendo ao mesmo tempo, ouvir a voz do outro encontra lugar na própria dor do ouvinte e torna difícil, senão impossível, relatar isso com “neutralidade”. O debate levou à afirmação, por alguns, de que a neutralidade não existe e que o que importa é buscar a simetria nas relações, com o pesquisador se colocando como participante da experiência, dando sua opinião, sim, sem impor nem ocultar.

Um aspecto significativo do debate foi a questão de se é oportuno ou não ouvir sem conhecer o contexto, o que está por trás, a história ao redor. Se, por um lado, conhecer o contexto oferece algumas indicações que podem facilitar a escuta, por outro lado esse mesmo conhecimento do

contexto pode formar posições e conclusões pré-concebidas. Nesse caso, não saber o contexto pode evitar esse perigo.

Ficou claro que as pessoas projetam suas próprias intenções quando tentam ouvir as intenções do outro. E que as pessoas sempre dizem mais do que pensam que dizem. O não dito está sempre presente. Trata-se de uma Gestalt na qual a pessoa usa suas próprias emoções como instrumento para se aproximar do outro sujeito. Nesse sentido, é um excelente exercício de comunicação.

Algumas pessoas relataram que não conseguiram captar mais do que as intenções reveladas nas falas; não conseguiram apreender o que estaria por trás. O debate sobre a intenção não revelada levou à observação de que esta pode ser o não dito, porque a pessoa que diz não se sente autorizada a dizer, ou a intenção oculta.

Em todo caso, trata-se de construir confiança. Uma boa escuta ajuda a construção de confiança entre as pessoas. Uma boa coisa é sempre perguntar para a outra pessoa: como é isso para você? Como você se sente? O que isso significou na sua vida?

A tentativa é de relatar os fatos, inclusive os fatos do sentimento, e isso é sair do “achismo” – um exercício poderoso e revelador. O exercício levantou algumas outras questões, do tipo: por que pensamos em outra coisa quando alguém está nos contando algo?

Viu-se que na escuta entra em cena o mecanismo que leva a pessoa a buscar o que dialoga com minhas crenças e valores e o que os confronta, e isso gera diferentes atitudes. O que cada pessoa escuta fala muito de si mesma. A escuta é, também, uma conversa interna, da pessoa com ela mesma – não uma escuta passiva, toda escuta dispara uma conversa interior que precisa ser observada com atenção.

A finalidade de procurar escutar a intenção não revelada é permitir ao que escuta formular novas e melhores perguntas que auxiliem a que a fala do outro revele mais. Por outro lado, observar o sentimento que subjaz no discurso de quem fala ajuda a saber em que momento se pode colocar certas perguntas; é a utilização da inteligência emocional.

E a questão da pessoa que fala sentir-se ou não autorizada a falar tem a ver com a teoria da subalternidade (Gayatri Spivak) – pode o subalterno falar? “Eu me sinto autorizada/o a falar?”

OBSERVAÇÕES:

Ficou muito evidente para todo o grupo a importância e a dificuldade da escuta.

... O papel, as atitudes e as posturas de um bom facilitador/entrevistador

Dinâmicas utilizadas	Objetivos
Experimentar um trabalho em grupo utilizando um formato dado e a ferramenta Metaplan (uso de tarjetas) para visualização.	Identificar coletivamente como o grupo percebe os valores, posturas e papéis do(a) pesquisador(a) enquanto facilitador(a) de processos participativos.

Orientações:

Os grupos receberam orientações precisas para: escolher um facilitador e um relator; responder às três questões em tarjetas, segundo as regras Metaplan; e o formato no qual deveriam trazer seus registros (colunas). Foi estipulado um tempo para o trabalho dos grupos e em seguida houve a apresentação e o debate em plenária, buscando esclarecer aspectos confusos, pouco claros ou equivocados e identificar semelhanças e diferenças nas respostas.

Reflexão construída coletivamente

Papéis	Habilidades	Atitudes
Estimular (a discussão)	Inteligência emocional	Escuta ativa e sincera
Incentivar	Tolerância	Flexibilidade
Motivar	“Neutralidade”	Democrática
Distribuir falas e papéis	Diplomacia	Proatividade
Percepção dos limites do grupo	Jogo de cintura	Energia positiva
Atenção flutuante	Empático/a	Atitude positiva
Concentração e atenção	Simpático/a	Leveza
	Paciência	Sorridente

Identificar não ditos	Delicadeza	Bom humor
Saber lidar com imprevistos	Escuta	Humildade
Reorientar o trabalho	Bom/boa ouvinte	Postura de “palco”
Criar condições de diálogo	Concentração	Amabilidade
Manter o foco	Atencioso/a	Delicadeza
Direcionar discussões (*)	Flexível	Paciência
Auxiliar a identificar e a atingir os objetivos	Assertivo/a	Calma
Gestão do tempo	Organizado/a	Abertura
Mediar	Síntese/ reformulação	Confiança
Conciliar	Capacidade de preparar (trabalho prévio e comprometimento)	Cuidado
Administrar conflitos	Capacidade de sistematização	Controle (*)
Acolher	Saber falar em público	Instigar
Cuidar	Oratória/ clareza	Sensibilidade
Regular(*)	Comunicativo/a	Empatia
Conduzir os trabalhos/ o processo (*)	Saber trabalhar em grupo	Priorizar as pessoas
Registrar (fotografias)	Pedagogia	Respeitar o ritmo do grupo
Sintetizar para analisar	Fôlego	Firmeza
Conectar	Resistência	Neutralidade (*)
Conformar o que foi dito	Criatividade	Presença atenta
Articulação das falas	Carisma (*)	
Equilibrar e mobilizar a participação	Dinâmico/a	
	Bom senso	

No debate, vimos que muitas habilidades se traduzem em atitudes e que estas podem auxiliar a desenvolver aquelas.

Viu-se que o/a facilitador/a tem um papel de auxiliar a que o grupo estabeleça nexos, conexões; que ele/ela funciona como um “escorregador”- o que faz fluir, o que permite que o grupo flua.

As palavras e expressões marcadas com asterisco (*) foram objeto de observações específicas das facilitadoras.

Direcionar, regular e conduzir não são verbos normalmente utilizados em abordagens participativas, pelo peso que têm de concentrar em uma pessoa – o facilitador – o poder de decisão e o controle do grupo. Obviamente, o facilitador tem o compromisso de levar o processo de forma a auxiliar o grupo a chegar nos resultados esperados, porém há todo um cuidado para que esse papel não se confunda com manipulação ou direcionamento a um final desejado pelo facilitador, independentemente do movimento do grupo. Nos processos participativos, os grupos dão o tom e constroem os resultados, que podem ser muito diferentes dos inicialmente projetados. Os acordos são feitos coletivamente, portanto, não cabe ao facilitador o papel de regular o grupo, mas este se autorregula a partir dos acordos feitos e com ajuda de equipes específicas – de animação, de avaliação etc. Pelas mesma razões, a atitude de **controle** também foi marcada com asterisco. O facilitador funciona mais como um “guardião” ou um “maestro”, reorientando o trabalho quando é necessário voltar ao foco e avançar.

O papel do facilitador foi comparado à explicação de Sócrates sobre a maiêutica, comparando-a com o trabalho das “doulas” (parteiras) junto às parturientes, garantindo o ritmo e oferecendo a ajuda necessária para criar algo novo, para que saia o que tem que sair, o que precisa sair; o método das perguntas, até ingênuas, que ajudam o parto, o nascimento, a descoberta.

Carisma como habilidade desejada de um/a facilitador/a também é algo questionável, entendendo carisma como algo diferente de habilidade, sendo mais uma característica da personalidade. O/a facilitador/a pode desenvolver habilidades pedagógicas que auxiliem a manter o interesse, o foco e a atenção do grupo, sem necessariamente ser uma pessoa carismática.

Outra palavra que apareceu de forma recorrente durante a oficina foi “**neutralidade**”. Muitos concordam que não se pode falar em neutralidade, já que é praticamente impossível haver uma

postura totalmente neutra, mas sim buscar um certo distanciamento do/a facilitador/a em relação a seus próprios sentimentos e ideias para abrir espaço verdadeiramente para que as ideias e sentimentos do grupo aflorem; e um cuidado em não tomar partido nos debates, mas buscar sempre devolver para o grupo as questões, ajudar o grupo a refletir, aceitar formulações diferentes de suas próprias e, isso sim, não se isentar de colocar suas próprias propostas, ideias ou sentimentos, quando isso é requerido. Esse é um equilíbrio fino, a busca de relações simétricas, reduzindo as diferenças derivadas de espaços de poder.

Em relação às **habilidades**, foi muito ressaltada a capacidade de associar ideias, de manter uma atenção flutuante (no indivíduo, no grupo e no objetivo), de observar os ritmos do grupo, de identificar os não ditos e compreender os silêncios. A habilidade de concentração e de atenção – presença - foram ressaltadas como fundamentais para o/a facilitadora, assim como a capacidade de perceber os limites do grupo.

Dos cinco grupos, quatro citaram “ser sensível” ou “sensibilidade” como uma habilidade desejável em um/a facilitador/a. Houve um debate sobre se isso seria uma habilidade ou uma atitude, e acabou entrando nas duas possibilidades. Vimos que muitas habilidades se revelam em atitudes e que estas, por sua vez, promovem ou geram habilidades que antes não estavam presentes.

Também no campo das habilidades, um grupo trouxe a metáfora do facilitador/a como super herói/heroína, o que foi motivo de algumas boas risadas e uma reflexão correspondente – trata-se de um papel que favorece a que a pessoa desenvolva habilidades e adquira posturas voltadas para a construção de espaços coletivos de trabalho, de criação, de decisão.

Observações:

O grupo avaliou que algumas atitudes e posturas do(a) facilitador(a) são fundamentais para o sucesso da pesquisa como: - a identificação e a empatia com o entrevistado;- relação horizontal; - o respeito à cultura e a neutralidade da apresentação pessoal e da fala - a forma de olhar, de ouvir, de falar; - o cuidado, a educação e a gentileza; - a capacidade de deixar o entrevistado à vontade e provocar falas autênticas; - a chegada, a saída, o agradecimento; - a valorização e a contextualização da participação do entrevistado. Foi um exercício intenso, com muita participação de todos e muito debate.

... A sistematização de experiências em torno do Odysea/Odisseia

	Dinâmicas utilizadas	Objetivos
(1)	Exercício coletivo sobre a sistematização de experiências	Responder às perguntas iniciais da sistematização, tomando como objeto o projeto Odyseia.
(2)	Linha do Tempo	

(1) A experiência Odysea/Odisseia

Perguntas iniciais:

O que sistematizar (foco)?

- Como se formaram as parcerias no projeto

Por que? Para que?

- Para compreender como se deu a construção da participação
- Porque é um dos principais objetivos do projeto
- Para integrar com o novo projeto INCT Odisseia
- Para servir de referência para outras experiências
- Para ajustar/redefinir as expectativas

Para quem?

- Instituições gestoras do projeto
- Pesquisadores
- Novos pesquisadores

- Comunidades locais (ficou uma dúvida se estas seriam ou não destinatárias da sistematização)

Com quem?

- Gestores
- Parceiros (instituições e pesquisadores)
- Comunidades locais (ficou um dúvida)

A partir dessas definições – o foco, a finalidade, a justificativa, os sujeitos envolvidos e aqueles a quem o processo pode interessar, desenvolvemos o passo seguinte, que é a definição de perguntas orientadoras, que traduzem e desdobram o foco definido.

Perguntas orientadoras:

- O que motivou os parceiros a participarem do projeto?
- O que circula – e como – entre os parceiros, em termos de informação e aprendizados?

... Os aprendizados da EP “Co-construção e participação na pesquisa”

	Dinâmicas utilizadas	Objetivos
(1)	Café Mundial sobre os aprendizados da EP “Co-construção e participação na pesquisa”	Retomar os aprendizados vivenciados, levantar as necessidades de aprofundamento e as estratégias desse aprofundamento no âmbito do Projeto Odisseia

No primeiro dia de oficina, esta mesma metodologia foi utilizada com o objetivo de levantar questões sobre um dos mais relevantes temas do grupo: “entendendo a participação nas pesquisas” e abriu um grande leque de opiniões e interpretações sobre a participação dos diversos atores nas pesquisas.

No último dia de oficina, o objetivo era resgatar os aprendizados vivenciados, levantar as necessidades de aprofundamento e as estratégias desse aprofundamento no âmbito do Projeto Odisseia.

Para isso, as perguntas elaboradas foram as seguintes:

- 1ª Pergunta: O que eu não sabia que não sabia sobre abordagem e metodologias participativas?
- 2a. Pergunta: Que aspectos da abordagem participativa você gostaria de aprofundar?
- 3a. Pergunta: Como isso poderia ser feito em rede no âmbito do Odisseia?

Foram feitas 3 rodadas de 20 min, uma para cada pergunta, e os participantes circularam livremente pelas mesas que escolheram.

Ao final das três rodadas, os anfitriões de cada mesa tiveram 7 minutos para apresentarem as conclusões, que foram discutidas em plenária.

A devolutiva dessas perguntas está apresentada nos quadros abaixo:

Pergunta 1 O que eu não sabia que não sabia sobre abordagem e metodologias participativas?
Quase tudo
O poder dos jogos para amenizar conflitos
Importância de espaço agradável e acolhedor
Importância da música
Diferença que faz um ambiente agradável
Sabermos utilizar – colocar todos na mesma sintonia
Sensações e emoções – importantes para processo de interação de pessoas
Criar elementos de conexão para produzir coletivamente
Emoções para fazer interagir o grupo
Importância do preparo da facilitação
Necessidade de ter uma gestão do tempo eficiente e cuidadosa com objetivo de manter o foco
Facilitação
O facilitador media e tem que se mediar
Sistematização – como, quando usar?
Papel do facilitador
Há uma nova profissão – andragogo/a
Conteúdo do programa
Materiais para além do computador – usar outros materiais, tê-los à disposição para a criatividade
Bons materiais lúdicos
Uso de outros materiais
Complexidade do planejamento/ preparo das dinâmicas
Ouvir sentimentos e intenções – escutar o não dito
Escutar ativamente
Mobilizar a escuta
Níveis de escuta
Importância de escutar o que não é dito de forma explícita
Focar a escuta
Comunicação (fácil desentender)
Desvincular do celular
Ferramentas novas: teatro e LT
Café Mundial
Importância dessas ferramentas para fazer emergir verdades e coisas não ditas
Reformular, aprender coletivamente
Experiência de muitas pessoas do grupo com metodologias participativas
Bons atores engajados e participantes
Importância das palavras – nem sempre estamos sendo entendidos
Riscos da participação
Importante desvincular do celular para mobilizar atenção e escuta
Abordagem Participativa poderia ser mecanismo de pesquisa

**2a. Pergunta:
Que aspectos da abordagem participativa você gostaria de aprofundar?**

Teatro

Teatro fórum

Teatro fórum – objetivos, como pode ser melhor trabalhado – traz à tona coisas não ditas

Teatro Fórum – objetivos, como trabalhar

Educação popular – teoria, como aplicar

Contextos e abordagens de pesquisa participativa – como são modeladas, como podem ser inseridas

Uso das ferramentas para contextos diferentes e com potenciais públicos

Uso das técnicas e ferramentas – como poderiam ser utilizadas em diferentes contextos de pesquisa – mais detalhamento

Como tudo isso poderia ser aplicado no contexto de pesquisa?

Contextos

Exercício supervisionado

Mais metodologias de escuta

Escuta

Níveis de escuta

Ferramentas úteis no contexto

Ferramentas têm funções distintas – melhor ter mais familiaridade com um conjunto delas para saber em que contexto aplicar – experimentar todas um pouco

Integração das ferramentas

Conhecer pesquisas que utilizam essa abordagem

Integração das ferramentas

Como adaptar para sala de aula

Como uso na minha tese?

Mais exemplos práticos

Facilitação gráfica

Troca de experiências de pesquisadores

Com atuar com pesquisadores mais conservadores

Pesquisas que utilizam Abordagem Participativa (exemplos)

Troca maior entre parceiros sobre suas pesquisas e experiências

Aquário – quando é mais adequado? Criar uma nova ferramenta adaptada

Aquário – necessidade de aprofundamento da metodologia

Aquário – em que situações seria mais adequado, como adaptar para sala de aula, como usar na tese?

Sistematização

Sistematização – etapas, como fazer, mais ferramentas – como sistematizar para ser fiel

Sistematização – como apresentar dados, como sistematizar resultados, para ser o mais fiel possível

Sistematização de experiências

Facilitação gráfica

3ª. Pergunta:

Como isso poderia ser feito em rede no âmbito do Odisseia?

CDS – trazer para sala de aula, envolver professores
Como fazer para continuar a circular entre o pessoal que está aqui
Colaboração com outras redes

Mais escolas
Mais uma escola de pesquisa
Mais escolas de verão para ferramentas
Integrar conteúdos com base em Abordagem Participativa
Ter outro curso para responder às questões da segunda pergunta
Escola culminando com planejamento – como cada pesquisador incorporaria as ferramentas na pesquisa?
Nova escola de verão

Mais treinamentos
Mais trocas no nível internacional
Conhecer outras pesquisas participativas
Reuniões integrando metodologias participativas

Realizar campos aplicando as ferramentas – situações piloto (mesmo que não fosse no campo)
Ida a campo
Campo aplicando ferramentas
Pilotos usando ferramentas
Explorar mais as técnicas
Aprender fazendo – trabalhar com situações concretas (ex: Santarém)
Fazer reuniões integrando metodologias e abordagens

Ter maior diálogo entre coordenadores sobre como aplicar as ferramentas – eles deveriam participar das capacitações e treinamentos
Diálogo sistemático entre coordenadores
Envolver professores
Trazer para salas de aula

Planejamento conjunto das atividades
Planejamento: orquestrar as atividades

Muita escuta
Meios de comunicação virtuais
Melhorar comunicação no projeto – entre os dois projetos e atores
Criar News Letter para ter relatos dos pesquisadores e poder compartilhar experiências
Melhorar comunicação

Buscar pesquisas que usaram essas metodologias – promover troca dessas experiências
Guia de boas práticas
Formar grupos de memória para consolidação
Grupos de reflexão para construir memória coletiva
Consolidação: memória, acesso ao material
Acesso ao material, memória do curso
Fazer circular (manter a liga)
Colaboração com outras redes

Observações para continuidade e aprofundamento

A escuta continua sendo um aspecto central das abordagens participativas e merece sempre uma atenção especial.

A abordagem de sistematização de experiências necessita de maior aprofundamento e exercícios práticos, podendo vir a ser excelente para o trabalho de pesquisa com abordagem participativa.

A questão do registro e da relatoria pode ser objeto de mais prática.

Ainda há algumas dúvidas e incertezas sobre as vantagens e os limites da participação, mas, de maneira geral, posturas, valores e princípios estão claros e são compartilhados pelo grupo.

O Teatro foi uma experiência rica e que todos gostariam de repetir, aprofundar, experimentar mais.

A dinâmica do Aquário foi muito positiva e, ao mesmo tempo, questionada – será que funciona em diferentes situações? Merece aprofundamento, novas experimentações.

Há um claro desejo do grupo de experimentar na prática essas possibilidades de trabalho participativo – um piloto, uma proposta no terreno...

Talvez seja interessante fazer uma reflexão de conexão entre a figura do facilitador e a do pesquisador – o pesquisador como facilitador, observando papéis, habilidades e atitudes, que por sua vez revelam valores e princípios.

O Café Mundial final, assim como as Pescas de Aprendizagem, informam bastante sobre os anseios e possibilidades de aprofundamento e continuidade do trabalho com este grupo.

5. ANEXOS:

Programa da EP “Co-construção e participação na pesquisa” 15-17 de agosto 2018

Hora	Atividade
Primeiro Dia - Quarta-feira 15 de agosto	
08:30	Apresentação dos(as) participantes individualmente e por mapeamento geográfico
09:15	Criação de acordos de convivência e de grupos de trabalho
09:25	Levantamento de expectativas e das perguntas do grupo
09:55	Apresentação do programa da oficina, apresentação das facilitadoras e das metodologias propostas
09:25	Dinâmica: jogo dos autógrafos
09:35	Café Mundial com o tema: Entendendo a Participação nas Pesquisas.
11:45	Almoço
13:25	Dinâmica: Dança
13:35	Vivência sobre a Escuta
15:15	Pausa Café
15:35	Volta do café com música coreografada
15:55	Exercício de Chuva de Ideias (<i>Brainstorming</i>) sobre construção coletiva de conhecimento
17:30	Pesca da Aprendizagem
18:00	Dança circular
Segundo Dia – Quinta-feira 29 de Março	
08:30	Boas vindas - Resgate do dia anterior pelas equipes de avaliação e memória
08:45	Escuta em Três Níveis
10:40	Pausa café
11:15	Exercícios comentados sobre as atitudes e as posturas de um bom facilitador/entrevistador
12:45	Almoço
13:15	Vídeo “Quentura”
14:15	Dinâmica de retomada
14:30	Conceito de Sistematização de Experiências baseado em Elza Falkembach
14:50	Exercício inicial de Sistematização do Odisseia - construção coletiva
15:50	Pausa Café
16:10	Linha do Tempo
17:25	Pesca da Aprendizagem

Terceiro Dia - Sexta-feira 17 de agosto	
08:30	Boas vindas - Resgate do dia anterior pelas equipes de avaliação e memória
08:40	Alongamento com dança e abraço
08:55	Jogo casa, morador e terremoto
09:55	Pausa Café
10:15	Dinâmica do Aquário: Como lidar com as expectativas dos Atores?
12:30	Almoço
13:45	Retorno com dança
14:00	Conflitos sobre participação de acordo com a escada da participação (Teatro Fórum)
15:30	Café Mundial sobre os aprendizados da Oficina
16:15	Pausa Café
16:35	Conversa sobre as metodologias e ferramentas aplicadas
17:00	Avaliação da Oficina: Partilha livre em torno das perguntas.
17:30	Dinâmica de Encerramento

Documentação complementar

A documentação citada está disponível no link:

<https://www.dropbox.com/sh/86wj30ici08uvj0/AADRbPQJRFL8z2Z0nHTeXTpFa?dl=0>

Manuais e orientações técnicas para facilitação

- **“Papel do facilitador”**. Publicado no site Portal Educação em 03/12/2012. <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/o-papel-do-facilitador/22854>
- **“Técnicas Básicas de Moderação - Guia para Facilitadores”**. MMA/GTZ.
- **“Manual de metodologias participativas para o desenvolvimento comunitário”**. ECOAR/USP/BACIAS IRMAS/CANADIAN INTERNATIONAL DEVELOPMENT AGENCY
- **“Guia rápido para conversas significativas. Uma breve referência”**. CO-CRIAR. <https://cocriar.com.br/wp-content/uploads/2014/03/Guia-rápido-para-conversas-significativas.pdf>
- ISA. 2012. **Planejamento territorial participativo. Relato de experiências em comunidades quilombolas do Vale do Ribeira/SP**. São Paulo: ISA. 47p. <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/publications/planejamento.pdf>
- NAVES, F.L; MAFRA, L. A. S.; GOMES, M. A. O.; AMANCIO, R. 2000. **Diagnóstico organizacional participativo: potenciais e limites na análise de organizações**. Organizações & Sociedade - v.7 - n.19 - Setembro/Dezembro. 2000. <http://www.scielo.br/pdf/osoc/v7n19/04.pdf>

Sobre “epistemologias não eurocêntricas”

- SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA. 2007. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Revista Crítica de Ciências Sociais, 78, Outubro 2007: 3-46.
- SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA. 2002. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, Outubro 2002: 237-280. http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF

Escada da participação

- ARNSTEIN, Sherry R. 2002. Uma escada da participação cidadã. Revista da Associação Brasileira para o Fortalecimento da Participação – PARTICIPE, Porto Alegre/Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 2, p. 4-13, jan. 2002.

Sistematização de experiências

- JARA, O. H. 2006. Para sistematizar experiências. Brasília: MMA, 2006. 128 p. http://www.mma.gov.br/estruturas/168/publicacao/168_publicacao30012009115508.pdf
- FALKEMBACH, E.; FRANTZ, W. 2015. Sistematización, creación de conocimiento, epistemologías no eurocéntricas. Rutas posibles en la producción de saber y conocimiento: apuestas de ciudad y región. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5704942.pdf>
- SOUZA, J. F. de. 1997. Sistematização: um instrumento pedagógico nos projetos de desenvolvimento sustentável. Tópicos Educacionais., Recife, v. 15, n.º 3, p. 17-73, 1997. <http://marchamargaridas.contag.org.br/imagens/f768sistematizaocaouminstrumentopedagogiconospdsjoaofrancisco.pdf>

Realização



Apoio financeiro



Preparação metodológica, Moderação e relatoria

